



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

JOSCILEUDA LOPES DE SOUSA

PLANEJAMENTO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A RESSIGNIFICAÇÃO
DA PRÁTICA DOCENTE E DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

CAJAZEIRAS - PB
2015

JOSCILEUDA LOPES DE SOUSA

PLANEJAMENTO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA
PRÁTICA DOCENTE E DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Professor Dr. José Amiraldo Alves da Silva

CAJAZEIRAS-PB
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S725p Sousa, Joscileuda Lopes de
Planejamento Escolar: Contribuições para a Ressignificação da
Prática Docente e do Processo de Ensino - Aprendizagem.
Cajazeiras, 2015.
65f.
Bibliografia.

Orientador (a): Profº. Drº. José Amiraldo Alves da Silva.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1.Planejamento Escolar. 2. Ensino Fundamental - Escola Pública
Município de Cajazeiras e Cachoeira dos Índios - Paraíba. 3. Prática
Docente - Processo Ensino - Aprendizagem. 4. Pedagogia.
I. Silva, José Amiraldo Alves da. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37.014.5

JOSCILEUDA LOPES DE SOUSA

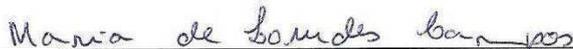
**PLANEJAMENTO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA
PRÁTICA DOCENTE E DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Aprovada em 02/12/2015

Banca Examinadora



Professor Doutor José Amiraldo Alves da Silva
(ORIENTADOR – UAE/CFP/UFCG)



Professora Doutora Maria de Lourdes Campos
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)



Professora Especialista Cícera Alteniza Duarte de Castro
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)



Professora Mestre Edinaura Almeida de Araújo
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)

Dedico este trabalho a minha família, em especial minha mãe por todo apoio e motivação mesmo sem compreender o real sentido da busca. Mas porque era bom para mim, ela investia passando noites e noites acordada, fazendo-me companhia. Dedico também aos meus amigos-irmãos da Comunidade Católica Siloé, pela alegria e satisfação em sempre me motivar com palavras, encorajando-me a continuar e não desistir diante das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida, por me fazer sentir a cada dia seu amor, que revela quem eu sou e o que Ele pode fazer em mim.

Ao meu Orientador, Professor Doutor José Amiraldo Alves da Silva, por disponibilizar tempo para o acompanhamento, com paciência e dedicação.

Aos meus pais que mesmo sem ter as orientações suficientes para conduzir a importância do estudo e o investimento nele, por causa de suas poucas leituras, souberam ter posturas motivadoras, principalmente quando demonstravam todo o orgulho em falar dos filhos que estavam dando continuidade aos estudos.

Aos meus irmãos e irmãs que acreditaram em mim e foram sempre a favor dos estudos, colaborando com incentivos que se fizeram determinantes durante todo o percurso acadêmico.

A toda a Comunidade Católica Siloé, irmãos queridos, por trazerem sempre vivo em seus corações o sentimento de que somos uma família e por isso nos colocamos a disposição uns dos outros para partilhar nossas vidas, dificuldades e alegrias.

Aos docentes participantes da pesquisa, pela disposição e solicitude que demonstraram na entrevista, expondo seus conhecimentos e convicções acerca da temática abordada neste estudo.

A todos os professores da instituição, que vez por outra traziam presentes a importância do estudo para além da vida profissional, motivando-nos a transcender nos nossos objetivos e metas.

Aos colegas de sala, especialmente os mais próximos, pelas vezes que nos reuníamos para realização de trabalhos, momentos de estudo, partilhas de vida e aprendizado.

“Suspeito que nossas escolas ensinem com muita precisão a ciência de comprar as passagens e arrumar as malas. Mas tenho sérias dúvidas de que elas ensinem os alunos à arte de ver enquanto viajam.”

(Rubem Alves)

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade tecer considerações acerca do planejamento na realidade escolar, partindo de pressupostos educacionais anteriores até aspectos que compõem o cenário educacional na atualidade, com vista a produzir mudança no exercício da atividade docente. Assim sendo, a pesquisa objetivou compreender a importância do planejamento escolar na construção do conhecimento, bem como sua identificação enquanto recurso pedagógico capaz de contribuir para a ressignificação da ação educativa. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir da contribuição teórica de autores como Brandão (1989); Gonçalves (2001); Menegolla e Sant'Anna (2014); Moretto (2007); Padilha (2006), Vasconcellos (2012), entre outros. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo com 05 (cinco) docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas, das Cidades de Cajazeiras e de Cachoeira dos Índios, no estado da Paraíba. Na busca de compreender o planejamento escolar na realidade atual, as educadoras entrevistadas responderam a questões norteadoras relacionadas à temática da educação na atualidade, à função social da escola, processo pedagógico na escola, conceitos e tipos de planejamento, necessidade do planejamento, ressignificação do planejamento, importância do planejamento e às contribuições para a prática docente e para o processo de ensino aprendizagem. Os resultados apontaram que a realidade da educação nos dias de hoje apresenta inúmeros desafios a serem superados no processo de ensino aprendizagem vivenciado na escola. Neste cenário educacional, o planejamento, que deveria ser um recurso utilizado em favor do trabalho do educador e da equipe pedagógica, na maioria das vezes, é posto como um mecanismo de controle do trabalho do professor, ou seja, uma atividade que o professor realiza apenas para cumprir tarefas, sem levar em conta a necessária motivação que deve existir, em vistas de garantir a participação dos docentes nas reuniões pedagógicas e na execução do projeto educativo da escola. Essa situação aponta a necessidade de se repensar o planejamento como um recurso pedagógico que pode ser utilizado pelo professor para ressignificar à prática docente e o processo de ensino aprendizagem vivenciado no âmbito escolar.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Planejamento Escolar.

ABSTRACT

This study aims to make considerations about the planning in the school reality, from previous assumptions to educational aspects that make up the educational scene today, in order to produce change in the teaching practice. Therefore, the research aimed to understand the importance of school planning in the construction of knowledge as well as their identification as a pedagogical resource capable of contributing to the redefinition of educational action. To this end, a literature survey was conducted from the theoretical contributions of authors like Brandão (1989); Goncalves (2001); Menegolla and St. Anna (2001); Moretto (2007); Padilla (2006), Vasconcellos (2000), among others. Then, a field research was conducted with 05 (five) teachers in the early years of primary school, two public schools, Cities of Cajazeiras and Cachoeira dos Indios, in the state of Paraíba. In seeking to understand the school planning in the current situation, the interviewed teachers answered the guiding questions related to the theme of education at the present time, the school's social function, learning process at school, concepts and types of planning, need for planning, reframing planning, importance of planning and contributions to the teaching practice and the teaching and learning process. The results showed that the reality of education today presents numerous challenges to overcome in teaching learning process experienced in school. In this educational setting, planning, what should be a resource used in favor of the work of the teacher and the teaching staff, in most cases, is set as a control mechanism of the teacher's work, that is, an activity that the teacher performs only to accomplish tasks without taking into account the necessary motivation that should exist in view of ensuring the participation of teachers in pedagogical meetings and implementation of the school's educational project. This situation points to the need to rethink the plan as a pedagogical resource that can be used by the teacher to reframe the teaching practice and the teaching-learning process experienced in schools.

Keywords: Education. Learning. School Planning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O PLANEJAMENTO ESCOLAR PARA ALÉM DA SISTEMATIZAÇÃO TÉCNICA E METÓDICA DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	14
2.1 Educação na Atualidade.....	14
2.2 Função Social da Escola.....	17
2.3 Processo Pedagógico na Escola.....	20
3 PLANEJAMENTO ESCOLAR: CONCEITOS E TIPOS.....	24
3.1 Necessidade do Planejamento: Princípio Pedagógico.....	27
3.2 Ressignificando o Planejamento Escolar.....	30
3.3 Importância do Planejamento.....	31
3.4 Contribuições do Planejamento Para a Prática Docente e o Processo de Ensino Aprendizagem.....	33
4 METODOLOGIA.....	37
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA.....	40
5.1 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
7 REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICES.....	64
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....	65
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	66

1 INTRODUÇÃO

O planejamento escolar consiste em uma atividade docente que envolve o antecipar das ações por meio da previsão das atividades, organização e coordenação a partir dos objetivos previamente estabelecidos. É o meio pela qual o docente pode evitar o imprevisto e possibilitar a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. Pode ser considerado também um momento dedicado à pesquisa e estudos da atualidade que devem ser considerados na prática docente e na relação professor x aluno para a aquisição de conhecimentos e de construção de significados dos conteúdos assimilados no contexto escolar.

Todo ser humano sonha, pensa, traça metas e objetivos que devem ser cumpridos no dia a dia, isso consiste em planejamento, ou seja, o planejamento é uma prática essencialmente humana e indispensável para realização de suas ações. Assim, também a escola, como formadora de opiniões, é responsável por sistematizar e organizar o processo de ensino-aprendizagem a partir da prática do planejamento.

Ainda sobre o planejamento cabe destacar o plano de ensino, o plano de aula e o plano da escola. Todos estão diretamente ligados à tarefa de educar. Para melhor compreender o planejamento e chegar ao objetivo principal deste trabalho, discorreremos sobre a educação na atualidade e a função social da escola, para poder então adentrar paulatinamente na importância do planejamento, compreendendo os motivos que levam à descrença dos educadores em relação a este recurso pedagógico.

O planejamento é uma atividade consciente e direcionada, portanto exige compromisso e dedicação, até porque pesa sobre o mesmo a complexidade da ação, visto que consiste na formação do ser humano. Nesse sentido, é preciso romper com os mecanismos tradicionais e mecânicos, considerados insuficientes para promover mudanças educacionais na atualidade.

Assim sendo, o estudo proposto sobre o tema “Planejamento escolar: contribuições para a ressignificação da prática docente e do processo de ensino-aprendizagem”, buscou refletir sobre a importância do planejamento na prática de sala de aula, bem como identificar aspectos relevantes acerca do planejamento na construção de

conhecimentos, além de pensar a respeito da falta de sentido que se pode observar atualmente no planejamento escolar.

A escolha pela temática surgiu a partir do contato com professores e com teorias apresentadas desde o Curso Normal em nível médio. O que mais chamava a atenção era o distanciamento entre as falas e posturas de alguns educadores mediante as teorias da educação abordadas nos cursos de formação de educadores. Assim, discutimos neste trabalho, aspectos relacionados ao planejamento escolar, seu papel, objetivos e metas na prática cotidiana de sala de aula, bem como concepções do planejamento educacional na perspectiva da construção de valores e metas que auxiliam no processo de ensino aprendizagem para a formação do cidadão em transformação.

Nessa perspectiva, o presente trabalho aponta para a necessidade de se fazer uma análise sistemática do planejamento escolar, considerando aspectos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos, levando em conta mais que suas capacidades intelectuais e cognitivas.

Alguns autores desenvolveram pesquisas e estudos que traçam considerações relevantes a respeito dessa temática, partindo do pressuposto de que a vida do ser humano é marcada por um constante ato de planejar. Desse modo, faz-se necessário desmistificar todas as incompreensões e interpretações acerca do planejamento escolar, ressignificando-o para além da prática cotidiana, em vista do desenvolvimento integral do ser humano.

O planejamento é, sobretudo, antecipar ações para atingir objetivos propostos para cada realidade. A partir disso, é preciso considerar algumas dimensões do mesmo, tais como sua finalidade, suas metas ou plano de ação. Pois seria impossível realizar o processo de ensino-aprendizagem sem planejar. Indo mais longe, destacamos que é necessário planejar o planejamento, porque traçar planos é inerente ao ser humano, e no processo de ensino-aprendizagem isto deve ser feito de forma séria, com qualidade e intencionalidade.

O trabalho foi estruturado com vistas à discussão acerca da educação na atualidade, seus pressupostos e divergências para com o modelo de escola que temos e o

modelo de cidadãos que queremos formar. Além disso, traçamos considerações sobre a função social da escola na atualidade e sobre o seu papel na formação da criticidade, respaldadas em discussões que possibilitam essa compreensão. Assim, adentramos no objetivo primordial do trabalho que foi compreender a importância do planejamento para o processo de ensino-aprendizagem e para a prática docente.

Consideramos que o processo pedagógico vivenciado na escola tem produzido elementos causadores de descrença nos educadores devido à falta de sentido do planejamento para eles. No entanto, defendemos, por meio de argumentações, que existem possibilidades de os docentes ressignificarem sua prática pedagógica na perspectiva da construção coletiva do conhecimento escolar.

Por meio do estudo desta temática, foi possível esclarecer possíveis desentendimentos de docentes sobre a importância do planejamento, partindo de uma retrospectiva sobre o tema, para sua compreensão na realidade atual. Destacamos a prática do planejamento como indispensável para o bom desempenho escolar e para o bom trabalho dos seguimentos da escola, do corpo docente e dos educandos. Por isso, vale ressaltar a necessidade de se compreender a importância de planejar as atividades didáticas, para que se possam traçar metas que superem a descrença dos educadores em relação à possibilidade de ressignificação de suas práticas pedagógicas.

2 O PLANEJAMENTO ESCOLAR PARA ALÉM DA SISTEMATIZAÇÃO TÉCNICA E METÓDICA DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Na perspectiva de compreendermos os caminhos traçados para se chegar a um desenvolvimento educacional promissor, faz-se necessário percorrermos um longo período de avanços e recuos. Nesse processo, consideramos o planejamento escolar para além das metodologias tradicionais que perpassaram anos e anos de história como um entrave a uma educação de qualidade. Como bem esclarecem alguns autores citados neste estudo, o planejamento escolar é algo complexo, por se tratar de um processo que tem por fundamento questões e práticas humanas.

2.1 Educação na Atualidade

A educação é uma ação que desencadeia um processo de desenvolvimento do homem, atuando desde a personalidade até a construção mais intrínseca ao ser humano. É uma prática social presente em diferentes ambientes, pois acontece em diversos espaços, tanto do ambiente escolar, quanto dos grupos sociais, familiares e religiosos.

Os processos educativos acontecem em variadas atividades, sejam elas políticas, culturais, econômicas, religiosas, familiares. Podemos citar a educação informal como aquela que acontece na interação dos grupos sociais, ou seja, na família, na igreja, com amigos, no bairro, a qual resulta em conhecimentos, experiências e práticas, mas não estão ligadas a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. Neste âmbito podemos mencionar também o conhecimento prévio adquirido a partir da experiência, do contato com o outro, na interação e socialização do meio em que se está inserido. Todas essas realidades cotidianas podem ser denominadas de educação.

Diante disto, a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece no seu Art. 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, p. 1) Diante desta afirmativa, entendemos que a educação

é um campo amplo que envolve diversos ambientes de aprendizagens. De sorte que a escola não é a única responsável pela educação do ser humano.

A educação formal corresponde àquela que acontece nas instituições escolares, sendo sistematizada, intencional e estruturada, além de possuir objetivos educacionais explícitos e claros, já a educação não formal ou informal, como a que ocorre nas instancias de formações escolares ou não, constitui-se, em propostas educacionais mais abertas e flexíveis, com procedimentos metodológicos diversificados, tendo certo grau de sistematização. Com isso, vale destacar segundo o pensamento de Brandão (1989, p. 32) que:

Não há uma única forma nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece, [...] o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é o seu único praticante. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Pretendemos desenvolver uma educação que ultrapassa os muros da escola, abrangendo a comunidade, de maneira participativa e comprometida. Nesta instituição, independentemente de suas funções, diariamente são motivados por todo corpo administrativo e pedagógico para que haja um trabalho coerente para a comunidade na qual a instituição está inserida. Para que aconteça de forma produtiva o que foi acima citado, inicia-se o ano letivo tendo como ponto de partida reuniões com pais e alunos para podermos ter um norte sobre como vamos desempenhar tal educação. Isso é a educação na atualidade, preocupada com a realidade e contextualização; assimilando a teoria e a prática na construção de uma sociedade mais igualitária, com valores éticos.

Paulo Freire (1998, p. 96) preconiza uma educação para a libertação, conscientização e autonomia e a construção da identidade própria e do mundo, destacando que,

[...] a educação constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas ideias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando.

Pode-se compreender que a educação não acontece de forma isolada, ela se desenvolve de maneira social com trocas de conhecimentos, no diálogo entre sujeitos, estabelecendo, assim, uma relação entre escola e sociedade, como também um elo, entre educador e educando.

Os professores e todo corpo escolar têm a responsabilidade e o comprometimento para planejar e por em prática todos os ensinamentos e metodologias diversificadas para que atinjam um patamar elevado no que tange uma educação de qualidade e atual. Sendo assim, a educação hoje exige posturas bem mais elevadas por parte das instituições de ensino voltadas para a formação integral do ser humano, considerando suas capacidades e habilidades cognitivas e intelectuais para além da educação tecnicista, mecânica e conteudista.

O processo educacional ocorre de maneira formal com ideias estabelecidas de forma sistemática e intencional. Os meios que possibilitam esta prática estão na utilização de materiais pedagógicos, pesquisas e meios tecnológicos que auxiliem os professores em sua atuação.

No que se refere aos objetivos da escola, destacam-se estratégias metodológicas que qualifiquem o processo ensino-aprendizagem, visto que sabemos da relevância que a metodologia tem nesse processo, sempre na perspectiva de aperfeiçoar práticas inovadoras junto ao corpo docente e a gestão, para que assim os educandos tenham um ensino de qualidade e que atinjam a aprendizagem em sua totalidade.

Logo, a educação pode garantir ao ser humano a possibilidade de alcançar melhores condições de vida na sociedade atual, enquanto ser participativo, ativo e cidadão coerente, conhecedor de seus direitos e deveres sociais. O que integra o ser humano na sociedade é a cultura que recebe antes mesmo do seu nascimento a partir dos estímulos do meio social. Nesses momentos, o indivíduo assimila valores e regras do meio educacional. Isso se constitui em educação. Entretanto, considerando o aspecto mais formal da educação, o que percebemos é que o Brasil ainda apresenta um grande índice de exclusão educacional, uma vez que muitas

crianças estão fora da escola. A partir disso, pensar a educação hoje é confrontar as diversas diretrizes e mecanismos que procuram atender uma sociedade que está em constante transformação.

2.2 Função Social da Escola

A escola é responsável pelo desenvolvimento social do ser humano como sujeito histórico, em seu sentido mais amplo. Para isso é necessário problematizar a escola que temos com a escola que queremos, ou seja, acompanhar o desdobramento educacional para a organização da sociedade. A escola constitui a reprodução da ordem social e comumente participa de sua transformação. Pensar a função da escola automaticamente significa repensar seu papel e sua organização. A educação para a transformação implica em mudanças que conscientemente devem ser oferecidas e vivenciadas primeiramente na escola.

O que vemos hoje é uma tentativa de mudança, mas sem fundamentos, isto é, discursos que não estão vinculados à ação e a tomada de decisão, gerando apenas uma contradição. Como preconiza Scheibel (2006, apud MAIA, 2009 p.86) sobre a função social da escola:

Qual é o papel social da escola? A escola é responsável pela promoção do desenvolvimento do cidadão, no sentido pleno da palavra. Então, cabe a ela definir-se pelo tipo de cidadão que deseja formar, de acordo com a sua visão de sociedade. Cabe-lhe também a incumbência de definir as mudanças que julga necessário fazer nessa sociedade, através das mãos do cidadão que irá formar.

Partir dessa reflexão pressupõe especificar o papel da escola para a formação do cidadão, considerando o contexto atual. Papel que não se restringe a algumas poucas pessoas, pois, ao observar realidade escolar, viabilizamos um espaço composto por gestores, professores, alunos, entre outros agentes envolvidos nos serviços existentes na escola. Isso é possível porque, dependendo da estruturação do cenário escolar, cabem outros setores que participam do processo educacional dos indivíduos, pois todos os sujeitos sociais na instituição escolar desempenham um papel fundamental e todos fazem educação em seus setores, por menores que sejam. Assim, todos devem ter consciência da sua função como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem do ser humano.

É importante ressaltar que a educação está para além da escolarização dos sujeitos. Dois conceitos básicos da função da escola são o processo de humanização, que consiste na ação despretensiosa, e o humanismo, que corresponde à compreensão do outro. Termos muito comuns na administração escolar. Scheibel (2006, apud MAIA, 2009 p. 87) continua sua reflexão explicitando que:

Quando a escola assume a responsabilidade de atuar na transformação e na busca do desenvolvimento social, seus agentes devem empenhar-se na elaboração de uma proposta para a realização desse objetivo. Essa proposta ganha forma na construção de um projeto político-pedagógico.

Desse modo, a função social da escola fica expressa claramente na postura que a mesma assume frente ao conceito de sociedade democrática, ou seja, a escola precisa ter clareza de sua função e contribuição para a formação do cidadão democrático, palavra que vem sofrendo inúmeras contradições e divergências quanto a sua afirmação prática.

Para tanto, a escola assume a responsabilidade, envolvendo todos os seus setores, de abranger uma consciência política e pedagógica de seus contribuintes, superando a desigualdade existente entre os seres humanos, que faz com que os menos favorecidos obedeçam a uma pequena classe dominante. Maia (2009 p. 87) defende que para a escola assumir essa sua função social:

Precisa proporcionar situações em que os alunos participem de projetos coletivos de interesse da escola e da comunidade. Dessa forma, eles se exercitam na autonomia e na convivência social saudável, aprendendo a expressar ideias e opiniões, a ouvir e a debater, estabelecendo uma atitude em relação ao saber e ao conhecimento que os leva a querer aprender sempre mais.

A função social da escola consiste na socialização do conhecimento, interagindo com o meio. Isso exige da escola metodologias mais construtivas, rompendo com o tradicionalismo meramente formal e insignificante, que limita o pensar, o agir e a criticidade do ser humano. Cabe ao planejamento intervir de forma construtiva nessa realidade, traçando metas e objetivos no intuito de romper com o atraso educacional, atualizando seus mecanismos para que alcance o homem contemporâneo.

Aqui cabe uma reflexão: o planejamento nos moldes tradicionais como vem acontecendo, responde a essa exigência social? A imposição do sistema tem

proporcionado essa reflexão? Respondendo a essas inquietações Maia (2009 p. 87) enfatiza que:

A função social da escola é ajudar a realizar o processo de construção do conhecimento, cujo ponto de partida sempre é uma visão global, difusa, que funcionará como uma oportunidade de o professor contextualizar o ensino, isto é, buscar com e no aluno os conhecimentos prévios que este tem sobre o tema focado (contextualização/problemática).

O currículo, portanto deve favorecer essa construção e não dificultar o processo. Formar cidadão não é fácil, é preciso haver empenho não somente da escola, pois não é tarefa exclusiva dela. Tendo clareza da função social da escola e da dimensão da construção do cidadão democrático, o professor estabelece com mais clareza sua prática docente, e o planejamento das aulas, partindo da eficiência e eficácia de sua ação pedagógica. A escola, embora não seja o único, é o lugar privilegiado na formação do cidadão.

Ao receber crianças, jovens e adolescentes, a escola precisa trazer para dentro de seus muros a realidade desses sujeitos, contemplando em disciplinas e conteúdos a vivência particular de cada um, possibilitando o desenvolvimento de saberes essenciais para a realidade social. Assim, ainda assevera Maia (2006 p. 94):

Com base em sua visão de homem e educação, a escola, em seus diferentes níveis, deve contribuir para a formação e a atualização histórico-cultural dos cidadãos. A sociedade espera que a escola forme cidadãos que participem ativamente da vida econômica e social do país, contribuindo para a formação da sociedade. Isso requer conhecimentos e habilidades cognitivas que possibilitem às pessoas situarem-se no mundo, lerem e interpretarem a grande quantidade de informações existentes, conhecerem e compreenderem as tecnologias disponíveis, bem como darem continuidade, de forma autônoma, ao processo pessoal de aprendizagem.

Isso nos mostra a grande responsabilidade da escola na atualidade, perpassando ideais vinculados apenas aos muros escolares. A formação do cidadão hoje vai além do que entendemos e, para tanto, temos que estar preparados, paulatinamente contribuindo de forma eficaz para essa educação transformadora e libertadora. Hoje a exigência social é bem mais ampla, e requer mais empenho, dedicação e conhecimento de toda equipe pedagógica.

Essa realidade pressiona a escola a avançar, a investir em mecanismos de trabalho que visem à melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Nisso retornamos ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola como sendo a sua identidade,

norteadora nesse processo. A escola possui sua identidade, é autônoma e, portanto capaz de gerar ações que possibilitem um avanço. O PPP preconiza as ações educativas para o futuro, pensando o passado e o presente, ou seja, a curto, médio e longo prazo.

O PPP alcança o contexto escolar em seu sentido mais amplo, com base na realidade atual. Consiste na elaboração de um documento que serve como guia para as atividades docentes e não docentes, é um instrumento em cuja construção todos os agentes devem ter a consciência da condição orgânica e dos diferentes níveis de participação, de modo que esta alcance o maior índice possível. Não deve ser uma atividade técnica, burocrática, sem critérios, pois o processo de elaboração é tão importante quanto às ações e as propostas que resultam do processo, todos devem se sentir parte. A motivação para a elaboração é muito importante. Acerca da elaboração do PPP, Longhi e Bento (2006 p. 173) asseguram que,

[...] podemos entender que o projeto norteia o trabalho da escola por encaminhar ações para o futuro com base na sua realidade atual e sua história. É um planejamento que prevê ações a curto, médio e longo prazo, intervindo diretamente na prática pedagógica diária.

A escola cumpre sua função social através de processos de ensino-aprendizagem que norteiem seu mais amplo sentido de espaço de educação e não de escolarização. A escola tem um grande desafio hoje, que é o de atender toda essa demanda social, para além do mercado de trabalho e da formação conteudista, visando transformar, contribuir e sistematizar um processo pessoal e coletivo. O processo de educar não depende somente da escola; como alertava Paulo Freire, ninguém educa ninguém, mas igualmente ninguém aprende sozinho. Então, educar é tarefa da sociedade, da igreja, dos grupos e da família por excelência. De sorte que a escola possa, por sua vez, assumir e desempenhar a imensa responsabilidade que tem na árdua tarefa de sistematizar e mediar esse processo educativo.

2.3 Processo Pedagógico na Escola

O professor em suas atividades didático-pedagógicas lança mão de paradigmas que norteiam essas atividades. Logo, devem ser considerados nesse processo, alguns aspectos referentes aos fundamentos didático-pedagógicos que refletem a práxis do professor; dentre eles destacam-se: o aprender, o ensinar e o avaliar a

aprendizagem. Nessa linha de pensamento Moretto (2010 p. 48) afirma a respeito do aprender:

O estudo do processo da aprendizagem já foi objeto de inúmeras pesquisas e de vasta literatura. Ele está obrigatoriamente presente quando tratamos da relação professor-aluno em contexto escolar, sobretudo quando o tema é o planejamento da atividade do professor com vistas a facilitar, para seus alunos a construção de conhecimento.

Assim, compreendemos que o aprender traz em si questões bem relevantes no campo educacional, principalmente ao destacar o professor como alguém de grande relevância para esse processo. De fato, o professor, em tudo aquilo que faz, deve atuar como o mediador dessa aprendizagem a qual também se configura como construir significados, que possuem uma vasta dimensão, uma vez que, existe também uma aprendizagem puramente mecânica e técnica sem emitir significados para o aprendiz.

No entanto, a aprendizagem que destacaremos aqui possui uma carga de significados para a vida do ser humano, considerando que a educação na atualidade, exige do aprendiz um esforço bem maior, saindo do contexto de facilidade para algo mais complexo e o educador deve ter clareza de seu papel nesse processo que vai bem além da técnica e da repetição mecânica.

Moretto (2010 p. 49) traça algumas considerações acerca dessa problemática:

Por esta razão, no contexto escolar, a cada dia são maiores as exigências na preparação dos alunos, tanto para a competência profissional como para sua participação como cidadãos, na melhoria da qualidade de vida, tanto pessoal como do seu grupo social. Esta é, a nosso ver, uma forte razão para um ensino escolar voltado para a aprendizagem significativa, e não para aprendizagem meramente mecânica ainda tão frequente em escolas que classificamos de tradicionais.

Essa é a razão pela qual muitos estudiosos se debruçam sobre a temática educacional na atualidade, uma vez que traz considerações bem mais consistentes acerca da importância de uma educação voltada para a construção de significados, na qual o educando participe ativamente do processo de ensino-aprendizagem, para melhor se apropriar da aprendizagem.

As novas tendências pedagógicas enveredam para essa linha de pensamento que cada vez mais lançam fora as tendências tradicionais, que reprimem o educando distanciando-o de sua participação enquanto sujeito da aprendizagem. O aluno

aprende quando constrói conhecimento, dá significado, sempre considerando o que ele já sabe, ou seja, seu conhecimento prévio. Tudo isso torna o aprender mais significativo, prazeroso e interativo, despertando no educando a curiosidade e o interesse.

No tocante ao ensinar, destacamos fundamentalmente o papel do educador que tem o desafio de mediar o caminho de quem aprende a construir significados. Por sua vez ensinar faz parte desse processo de mediação dentro de uma proposta pedagógica que esteja vinculada às diretrizes educacionais e, por isso, o educador tem a função de elaborar estratégias que canalizem todas as potencialidades do aluno para uma construção significativa da aprendizagem.

Nessa perspectiva, o contexto do aluno pode ser uma ferramenta essencial para seu aprender, quando utilizada de forma construtiva. Moretto (2010, p. 51) esclarece que, “nessa linha de pensamento, dizemos que o professor precisa planejar suas estratégias pedagógicas respeitando as características psicossociais e cognitivas de seus estudantes”. Isso tudo requer mais dedicação por parte do professor na atualidade, pois até tempos atrás as metodologias eram passadas de ano para ano, o educador não se dava o trabalho de adequar sua metodologia para facilitar a aprendizagem dos alunos, todos eram considerados iguais apesar dos diferentes níveis de desenvolvimento e de características psicossociais diferentes. Mas, vemos hoje uma preocupação um pouco diferente, já existe estudos que discriminam características específicas para cada nível de desenvolvimento facilitando o trabalho do professor.

O educador tem por necessidade ampliar a percepção e a construção de significados e conhecimento do aluno partindo do concreto para o mais abstrato possível elevando suas capacidades cognitivas. Para finalizar essa ideia Moretto (2010) enfatiza a importância do planejamento para o bom desenvolvimento do ensino com vista ao processo ensino aprendizagem. “Planejar, nesse contexto, assume um papel importante para o professor, pois um dos primeiros cuidados em seu planejamento é verificar a relevância do que está sendo proposto para a aprendizagem diante do contexto de seus alunos” (Moretto, 2010, p. 52).

Diante disso, ainda cabe ressaltar que o planejamento encontra-se vinculado a avaliação da aprendizagem como fonte inesgotável de significado para a atividade docente. Essa não é uma atividade fácil para o docente, pois deve desenvolver mecanismos de avaliação da aprendizagem para chegar ao princípio norteador, que é avaliar sua prática para melhor desenvolver seu trabalho metodológico visando alcançar a construção do conhecimento do aluno. Como diz Moretto (2010, p. 53), “[...] a avaliação não é um produto final, fechado e acabado. Ela é um momento privilegiado em que o professor recolhe dados para sua reflexão-na-ação com vistas a redirecionar seu processo de ensino”.

Aqui cabe recordar os aspectos da avaliação qualitativa, analítica, assistemática, contínua e a sistemática que cada vez mais vêm sendo estudadas. Todas têm foco no processo de ensino aprendizagem. O professor, ao expor seus conteúdos busca de diferentes maneiras informações concretas para saberem se seus alunos associaram e assimilaram bem os conteúdos. Por isso, a avaliação é tão importante e desafiadora.

3 PLANEJAMENTO ESCOLAR: CONCEITOS E TIPOS

Na tentativa de conceituar o planejamento escolar, Vasconcellos (2012) expõe a dificuldade de um consenso visto que seria mais significativo discutir como fazer o planejamento. No entanto, o autor trata o planejamento como o ato de antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto. Quanto mais se aprofunda no conceito de planejamento mais se torna possível planejar e criar autonomia, do contrário o professor perde sua liberdade.

Para compreender melhor o conceito de planejamento temos algumas definições do dicionário Aurélio apresentado por Vasconcellos (2012, p.78):

“Planejamento. S.m. 1. Ato ou efeito de planejar. 2. Trabalho de preparação para qualquer empreendimento, segundo roteiro e métodos determinados; planificação: o planejamento de um livro, de uma comemoração. (Aurélio)”

Aqui não se esgota a compreensão de planejamento segundo o dicionário, podemos ainda constatar que faz menção ao ato de planejar e o plano como ações diretamente relacionadas vejamos:

“Planejar. V.t.d. 1. Fazer o plano de; projetar, traçar; um bom arquiteto planejará o edifício. 2. Fazer o planejamento de; elaborar um plano ou roteiro de; programar, planificar: planejar um roubo. 3. Fazer tenção ou resolução de; tencionar, projetar (...). (Aurélio)”

Assim, dá para ter uma noção mais ampla da dimensão do planejar como tarefa que vai além dos pressupostos da educação, e mais especificamente do professor. Fazendo boa leitura do seu significado, compreendemos que ele tem início, meio e fim, ou seja, um ponto de partida e um alvo bem determinado.

“Plano. (Do lat. Planu) [...] Projeto ou empreendimento com o fim determinado. Conjunto de métodos e medidas para a execução de um empreendimento [...] (Aurélio)”

Esses são alguns significados do planejamento, apresentados no dicionário para ajudar na construção de conceitos. Pode ser chamado de conceitos mínimos por

está desvinculada da elaboração da realidade, ou seja, não constituem-se conceitos especificamente educacionais.

Ainda quanto ao planejamento compreendemos que não é tão somente o que se faz antes de agir, mas pode ser também agir em função do que se pensou. Antecipando a realidade por meio de ações planejadas com fins direcionados. Ou seja, seria evitar o imprevisto, sustentando a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Uma ação que tem finalidade, objetivo e direção. Vasconcellos (2012) ainda chama de “mediação teórico-metodológico”, consciente e intencional.

Para compreender o planejamento deve-se separar o planejamento do plano, uma vez que ambos possuem características específicas. O primeiro está mais diretamente ligado a um processo contínuo e dinâmico, ou seja, planejamento representa uma atitude, uma atividade e é permanente. Por planejamento compreendemos uma ação sistematizada, contínua, que direciona a prática acompanhando-a, e o plano é o produto do planejamento. Como explicita Vasconcellos (2012, p. 80), “o planejamento, enquanto processo, é permanente. O plano, enquanto produto é provisório”. Essa é a dimensão do planejamento e do plano que buscamos trazer para a realidade escolar rompendo as bases e estruturas hostis e fechadas que se fixaram no decorrer do tempo. Toda a equipe escolar deve ter clareza dessa dimensão, para conduzir seu trabalho numa perspectiva construtiva.

Padilha (2006, p. 30) traz algumas considerações acerca do entendimento do planejamento. Ele se refere ao planejamento como um “processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, na busca da melhoria do funcionamento do sistema educacional.” Nessa perspectiva, a concepção de Padilha se assemelha a de Vasconcellos, ambos o compreendem como um processo. Padilha ainda descreve o planejamento levando em conta a tomada de decisão sobre a ação.

Nisso compreendemos a importância do planejamento para o processo de ensino aprendizagem no tocante a educação. Ele deve ser considerado indispensável na prática educacional, para uma avaliação-reflexão, pensando na direção que devemos seguir. Como planejar e o que planejar deve ser o norte.

Ainda preconiza Padilha (2006 p. 31) que o planejamento é uma atividade complexa e eminentemente humana. “Somente o homem, como animal racional e temporal que é, realiza a complexa atividade de planejamento”. Há, portanto, certa dignidade no ato de planejar, é algo que, de certa forma, nos faz mais humanos, distintos, especiais.

No âmbito educacional, destacamos o planejamento coletivo que é característico do processo de combinações, participações que não se restringe somente em reunir todos da unidade escolar para planejar tudo, mas na organização das tomadas de decisões com finalidades educacionais vigentes do processo de ensino-aprendizagem.

O planejamento educacional é compreendido como tudo o que os educadores proporcionam para os seus alunos, tendo em vista os objetivos e metas bem definidos. Um planejamento feito nacional, estadual ou municipalmente, explicita Padilha (2006), englobando as direções para o sistema educacional que está em nível mais elevado que o planejamento escolar. Significa aplicar à educação o que os educadores consideraram e sistematizaram para trabalhar com seus alunos.

O planejamento curricular está diretamente ligado ao currículo que compreende a dinâmica da escola. Com previsões e sistematização, abrangendo a vida escolar do aluno. Vasconcellos (2012, p. 33) argumenta que o “planejamento curricular é a proposta geral das experiências de aprendizagem que serão oferecidas pela escola incorporadas nos diversos componentes curriculares”. Segundo as orientações de Vasconcellos (idem) essa proposta inclui os seguimentos da escola como metodológicos os desafios e os fundamentos de cada disciplina.

Já o planejamento de ensino, de acordo Fusari (1988, apud PADILHA, 2006, p. 33),

[...] é o processo que envolve a atuação concreta dos educadores no cotidiano do seu trabalho pedagógico, envolvendo todas as suas ações e situações, o tempo todo, envolvendo a permanente interação entre os educadores e entre os próprios educandos.

Assim, compreendemos o planejamento de ensino, com suas peculiaridades e significados, dentro de suas possibilidades e concretude, no intuito do bom funcionamento escolar e educacional.

Para tanto, faz-se necessário ainda tornar mais claro que o planejamento escolar, dentro dessa linhagem, se caracteriza como uma atividade eminentemente docente envolvendo tudo o que foi conceituado anteriormente por Padilha e Vasconcellos, estando principalmente o processo pelo qual passa a ação e a reflexão de atividades pensadas, sistematizadas e organizadas para evitar o imprevisto, dando mais consistência, eficácia e eficiência ao processo de ensino aprendizagem. É uma atividade didática com objetivos que norteiam o contexto escolar e suas peculiaridades. É abrangente, no que tange a proposta pedagógica da escola e sua funcionalidade. O planejamento, ainda aborda Padilha (2006), envolve o cotidiano da sala de aula na elaboração das propostas pedagógicas para discriminar a identidade escolar, suas metodologias e filosofias.

O planejamento participativo envolve a maior parte dos membros da escola para a tomada de decisões, ou seja, envolve o público maior da escola, que são os alunos, na elaboração de estratégias de trabalho. Tornando possível a eficácia e a eficiência escolar por meio de decisões comuns, participativas, estando presente o maior número de membros envolvidos no processo educativo, visando o bom desempenho dos alunos frente aos desafios sociais e pessoais.

Por último, o planejamento de aula, que diz respeito à atividade docente mais particular, gerando um documento mensurável. O planejamento de aula é específico e claro, nele são determinados o conteúdo, tema, metodologia, recursos didáticos e a avaliação. O planejamento de aula é essencialmente necessário no dia a dia para orientar o trabalho do professor e organizar metodologicamente a sua prática.

3.1 Necessidade do Planejamento: Princípio Pedagógico

Para compreendermos o Planejamento escolar, faz-se necessário fazer uma retrospectiva, um breve histórico do Planejamento. A sistematização do planejamento começa fora do âmbito educacional, estando ligada ao campo de produção, mais precisamente no final do século XIX, a partir das I e II Revoluções Industriais.

Nesse cenário, são reconhecidos dois grandes nomes no campo administrativo, o americano Taylor e o francês Fayol, preconizam uma sistematização do planejamento enquanto definição de objetivos e estratégias, sendo visto como um

empreendimento que busca a eficiência. Logo, nestes termos, visualizamos uma tendência à alienação com vícios na educação, com a dicotomia entre a concepção e a realidade.

Seguindo para o século XX, a estrutura de planejamento avança para todos os setores da sociedade, não mais como estrutura interna de uma empresa, mas como planificação de toda a economia. Na esfera da administração destacam-se três linhas em termos de planejamento: O gerenciamento da qualidade total, o planejamento estratégico e o planejamento participativo.

A educação, mais precisamente a escola, também sofreu essa influencia, destacando-se em sua história três influentes concepções dentro dos diversos momentos do planejamento. Vasconcellos (2012, p. 28), diz que “ao analisarmos a história da educação escolar, percebemos diferentes concepções de planejamento, de acordo com cada contexto sócio-econômico-cultural”.

Nesse princípio a primeira concepção que se destaca, é o **planejamento como princípio prático**. Nessa linha o planejamento caracteriza-se como tendência tradicional, em que havia grande formalidade, sem interesse participativo e significativo, uma tarefa esporadicamente burocrática, sem intencionalidade. Preconiza Vasconcellos (2012, p. 28) que “o planejamento pedagógico do professor no sentido tradicional, a rigor, não era bem planejamento; era mais o estabelecimento de um ‘roteiro’ que se aplicaria fosse qual fosse à realidade”.

Esse princípio revela o descaso com a formação integral do ser humano a partir das contingências educacionais no processo ensino-aprendizagem, bem como a não organização significativa do planejamento para a ênfase na construção e não na mera burocratização. Há registros de casos em que o professor se utilizava deste instrumento formalista durante anos e anos, ou que professores abstinha-se de ministrar aula sem sua ficha. Isso leva ao entendimento do plano como objetivamente referência para o trabalho do professor.

Outra concepção nesta diretriz é o **planejamento instrumental/normativo**. Destaca-se no final da década de sessenta, em que o planejamento consiste em resolver todos os problemas, ou seja, uma utopia, como se fosse possível solucionar

os problemas que envolvem a realidade escolar a partir do planejamento, que por sua vez não dava vida à escola. Nisso, o professor tinha por obrigação preencher suas planilhas, o que decorria da intenção vazia de se chegar à resolução da falta de produtividade escolar. As fichas seriam preenchidas de modo a conter tudo o que o aluno deveria aprender, estabelecendo a postura do professor como transmissor do conhecimento. Tudo isso resultou em problemas que se perpetuam até hoje. Assim destaca Vasconcellos (2012, p. 29):

Muitos dos problemas que se colocam hoje na prática escolar entre professores e técnicos, tais como a competição, a disputa de influência e poder, têm sua explicação na origem mesma dessa função, já que, desde então, esteve associada ao controle, uma vez que a supervisão surgiu no final do século XVIII nos Estados Unidos como 'Inspeção escolar' e como tal veio para o Brasil em meados do século XIX.

Com isso, o professor vai sendo desvalorizado merecendo ressalva compreender que antes o professor era o autor de suas produções. Porém, com a supervisão houve uma dicotomia na escola, dividindo quem pensa e quem executa. Isso dá início à divisão social do trabalho dentro da escola. Isso ainda deixa questionamentos do tipo: Para que planejar? Para quem planejar? Em torno do planejamento criaram-se inúmeros mitos que logo se enfraquecem de sentido, como se planejar o ápice do ensino. Criou-se, assim, a “escola de papel”, em que o melhor planejamento seria o de quem fez melhor plano. Esse problema distancia o objetivo da escola e sua função social da necessidade do planejamento, o qual traz em si objetivo e metas bem definidas e intencionais.

Para finalizar esta retrospectiva, ressaltamos o **Planejamento Participativo**, que consiste em romper com as tendências anteriores dando maior enfoque na participação coletiva e dialógica, em vista da qualificação do ensino para uma consciência crítica. Preconiza Vasconcellos (2012, p. 31) que:

Esta concepção rompe com o planejamento funcional ou normativo das duas concepções anteriores, onde as práticas do professor e da escola são vistas como isoladas em relação ao contexto social. Aqui o planejamento é entendido como um instrumento de intervenção no real para transformá-lo na direção de uma sociedade mais justa e solidária.

Esta breve retrospectiva esclarece e situa a problemática em um contexto de desvalorização e falta de sentido do planejamento, que pressupõe paulatinamente uma decadência da qualidade de ensino no contexto local. Para tanto,

discorreremos ainda sobre elementos construtores de reflexões, ressignificando o trabalho pedagógico para o planejamento escolar, embasado em autores que exprimem seus estudos e análises.

3.2 Ressignificando o Planejamento Escolar

Neste item são traçadas algumas considerações acerca do planejamento escolar como método eficaz na prática educativa. Focalizamos a qualidade do ensino a partir do bom desdobramento do planejamento, partindo das seguintes questões: Qual o sentido do planejamento? Como planejar? Para que planejar? É possível êxito escolar sem o planejamento? O planejamento é um instrumento de controle?

Como vimos anteriormente o planejamento escolar apresenta concepções e uma sobrecarga de negatividades e descontentamento por parte de educadores e coordenações. Partimos do pressuposto de que o planejamento é inerente à vida do ser humano, uma vez que tem sempre um plano a executar como norteador de sua conduta. Portanto, o planejamento escolar merece mais atenção, visto que sistematiza e antecipa ações para atingir certos objetivos. Assim sendo, não pode ser dispensado da práxis pedagógica.

Desta feita, o sentido do planejamento, além de antecipar mentalmente ações, agindo de acordo com o previsto, assegura e evita o imprevisto. Como alerta Padilha (2006, p. 45):

Para nós a atividade de planejar é atividade intrínseca à educação por suas características básicas de evitar o imprevisto, prever o futuro, de estabelecer caminhos que podem nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, especialmente quando garantida a socialização do ato de planejar, que deve prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação.

Dessa forma, é impossível que o processo de ensino-aprendizagem tenha eficácia sem o planejamento escolar. No entanto, em algumas escolas ele ainda é um instrumento burocrático e autoritário, se tornando uma arma contra o professor, porque o que nele for colocado torna-se inflexível e o que não for cumprido deixa-o incompetente.

Diante da redemocratização social, enxergamos uma abertura quanto à concepção de planejamento para além da ferramenta de controle do professor, passando a ser

considerado como um real instrumento de trabalho do mesmo. Para encaminhar um bom planejamento é preciso começar ressignificando-o, e o ponto de partida é perceber a necessidade de mudança por parte do sujeito, levantando indagações quanto ao que há na nossa prática que pode e/ou precisa ser mudado. Depois, dessa análise, deve-se considerar os fatores internos e externos que norteiam a comunidade escolar. Parafraseando Vasconcellos (2012) podemos dizer o planejamento não faz milagres, traça caminhos, mas precisa de colaboradores que se empenhem e abracem a causa.

Ainda recorrendo a Vasconcellos (2012, p. 38), “para o professor não comprometido, não há proposta boa; considerar que o simples fato do professor preencher um formulário bem elaborado será garantia de um bom trabalho é uma mera ilusão!”. Frente ao exposto, a proposta educacional envolve um conjunto de interesses que precisam correlacionar-se com objetivos bem definidos, ele ainda destaca: “Este pressuposto – a percepção da necessidade de mudança – é da maior importância, pois quem está ‘morto’, quem não está querendo nada com nada, quem não quer mudar, obviamente não sente necessidade de planejar” (VASCONCELLOS 2012, p. 38).

O planejamento deve partir do que temos, não pode ser uma realidade abstrata. O querer é uma ação pessoal. Quando queremos estamos resolvidos a fazer alguma coisa. Poder é a capacidade de realizar algo. Nisto consiste o planejamento escolar: querer alcançar um objetivo dentro das possibilidades e da realidade existente.

3.3 Importância do Planejamento

As controvérsias no planejamento abrem precedentes para uma visão negativa de sua importância no campo educacional, pois há uma grande falta de sentido no ato de planejar, gerando inúmeras lamúrias por parte dos educadores. Planejar ou não planejar? Eis a questão.

Numa das discussões bem recentes de Menegolla e Sant’Anna (2014) levantam alguns questionamentos acerca dessa desilusão e descaso dos educadores para com o planejamento, argumentando que pode chegar ao “ridículo pedagógico”. E isso pode ser discutido a partir de dois eixos principais. Primeiro o que as autoras

chamam de pouco preparo dos professores sobre o planejamento e, o outro, sua validade científica, pedagógica e didática.

Nessa perspectiva, Vasconcellos (2012 p. 14) faz menção à “falta de sentido do planejamento” levando em consideração dois paradoxos: A crise de paradigmas, também chamada de crise da razão e a crise das metanarrativas. Para justificar esses paradoxos existentes na sociedade, o autor desmembra-os a partir do olhar voltado para algumas facetas sociais como “o fim da modernidade, do pré-estruturalismo” que desemboca na busca exacerbada de sentido.

Nessa perspectiva, nos debruçaremos sobre a crise de paradigmas para compreendermos a complexa atividade de planejar, sem nos distanciarmos de sua importância, uma vez que está pautado na formação humana. Assim, observaremos que ao nos depararmos com o espaço escolar encontramos relatos unânimes de um grande distanciamento entre os modelos pedagógicos e a sociedade atual. Justapondo as considerações de mudanças sociais em vista da realidade escolar que não mudou tanto assim. À medida que acompanhamos os avanços sociais encontramos uma escola que está desvinculada da vida.

Por esta razão o planejamento torna-se enfadonho, desinteressante e metódico, pois se considerarmos a crise da razão, logo devemos, por analogia, entender que o processo didático pedagógico não consegue ser pautado em sua filosofia retrógrada. O planejamento era uma burocracia que correspondia a uma exigência da época, consistindo apenas no preenchimento de fichas que iam simplesmente passando de ano para ano, ditando todas as atitudes do professor e tudo o que o aluno deveria aprender. Por essa razão, o professor não ia para a sala de aula sem seus “apontamentos”, como lembram os autores.

Logo, uma crise de paradigmas faz com que haja uma ruptura didático-metodológica, enfraquecendo o planejamento, tornando-o sem sentido, pois não oferece mudanças educacionais. Vasconcellos (2012, p. 14) nessa mesma linha de pensamento afirma que, “o planejamento acaba se colocando no centro desta disputa, já que existe a crise da racionalidade, e o planejar é um processo que tem forte carga racional”. Contudo, o ser humano deve ser considerado em todas as suas dimensões. A crítica nada mais é do que questionar com critérios. E é isso que

vimos postulado nas obras aqui citadas. O questionamento que se faz hoje é diretamente contra o racionalismo exacerbado.

Na perspectiva de pensar a importância do planejamento, temos a ambigüidade entre os professores que não negam a importância do planejamento e concomitantemente afirmam a falta de sentido. Há um leque de possibilidades partindo do que chamamos de fundamentos exclusivamente técnicos, burocráticos, apenas para cumprir tabela, para dar satisfação de seu trabalho aos coordenadores, e uma maneira de o coordenador controlar sua equipe docente. O que ainda Vasconcellos vai chamar de “escola de papéis”, ou seja, os planos são feitos e engavetados. Outra repulsa ao planejamento diz respeito à sobrecarga de horas de trabalho, para que se possa manter com “qualidade de vida”.

3.4 Contribuições do Planejamento Para a Prática Docente e o Processo de Ensino Aprendizagem

Como estamos vendo nos textos anteriores, é imprescindível a importância do planejamento na formação do ser humano. Agora, vamos compreender suas contribuições para a prática docente e para o processo de ensino aprendizagem, a partir da análise do planejamento para o professor e para o aluno. Nessa perspectiva, o planejamento possibilita, tanto para o docente como para o discente, ações eficazes dentro do processo de ensino aprendizagem. Menegolla e Sant’Anna (2014 p. 44), ao tratar do planejamento para o aluno e para o professor, defendem que:

Os setores pedagógicos da escola, não devem determinar uma forma única para planejar todas as disciplinas, como se todas fossem iguais; como se todos os professores e alunos fossem uniformes, agissem da mesma forma, tivessem os mesmos objetivos, interesses e as mesmas habilidades.

Ainda é discutido que os setores pedagógicos devem dar orientações e possíveis propostas de como pode ser elaborado o plano, mas nunca uma forma, um modelo pronto, padrão. Vejamos Menegolla e Sant’Anna (2014 p. 54) novamente:

Os setores pedagógicos podem e devem fornecer propostas e orientações aos professores de como devem planejar, mas o que decide o modelo de plano são os objetivos dos alunos, do professor e as possibilidades de executá-los numa determinada classe, considerando a sua realidade.

O planejamento deve ter por principal objetivo qualificar o processo de ensino aprendizagem e, portanto, deve haver uniformidades para algumas ações da escola, mas que não venham a prejudicar seu objetivo principal. O plano é para o aluno e para o professor, para alcançar uma eficácia consciente e libertadora. A ação de planejar está relacionada ao trabalho do professor. Desde sempre lhe cabe tomar posse de sua responsabilidade enquanto docente. A escola tem o poder de transformar personalidades, de mudar vidas e de construir melhores valores, mas para isso, suas ações devem ser bem planejadas, com intencionalidades e com objetivos bem traçados e que devem ser concretizados. Menegolla e Sant'Anna (2014 p. 44) refletem o seguinte a respeito do planejamento:

Para o aluno e professores, o plano é um roteiro de uso diário na sala de aula; é um guia de trabalho; é um manual de uso constante; enfim, é um roteiro que direciona uma linha de pensamento e ação. Por isso, planejar para depois não trabalhar com o plano, é uma incoerência pedagógica.

As grandes reclamações de muitos educadores são justamente a incoerência com o planejamento escolar, que se torna uma exigência pedagógica sem critérios, apenas para cobrar e exigir. É importante que o plano sirva para o aluno e para o professor, sendo útil e com ações renovadoras e inovadoras. Antes de qualquer coisa, falta ao educador muitas vezes trabalhar a descrença para com o planejamento, pois precisa acreditar e valorizar o planejamento como ato político no qual se manifestam diferentes opiniões, para então adquirir sentido e alcançar seus objetivos. Vasconcellos (2012 p. 41) esclarece a necessidade do planejamento, trazendo a reflexão:

Os autores mais progressistas, ao abordarem a problemática, lembram que antes de ser uma mera questão técnica, o planejamento é uma questão política, na medida em que envolve posicionamentos, opções, jogos de poder, compromisso com a reprodução ou com a transformação, etc. isso é um avanço, mas ainda não dá conta da sua significação. Para ter sentido, o enfoque do planejamento, com efeito, necessita deste deslocamento. Todavia não basta trabalhar numa nova abordagem; é preciso trabalhar também a descrença que o professor traz, portanto, a percepção, o conhecimento, as representações prévias que já tem quanto ao planejamento.

É importante valorizar o planejamento e estar motivado para realizar, e para pensar a prática pedagógica como suporte para a mudança da realidade. Se quisermos uma educação renovadora, temos que planejar, mas se queremos uma mera educação reprodutora desprovida de significados é possível fazê-la sem o

planejamento, apenas reproduzindo o que está posto. Não é uma ação qualquer que nos leva a uma mudança. Vasconcellos (2012 p. 42) esclarece que o planejamento tem função de melhorar a “qualidade da ação” e a “complexidade do real”.

Quanto à ação, o autor argumenta que para muitos educadores o que importa é a prática. Com isso, levantamos algumas hipóteses, pois se assim pensarmos, uma ação desvinculada do planejamento, não teremos êxito, pois quando acompanhamos a prática e não vemos sua eficácia, a prática pela prática não produz mudança. O que deve acontecer é uma ação planejada, intencional, com objetivos claros, isso qualifica a ação. Vasconcellos (2012 p. 43) enfatiza que:

A ação a ser desencadeada deve estar atravessada, pois, por uma intencionalidade, sendo fruto de uma proposta. Coloca-se aqui a necessidade da mediação simbólica, da teoria, de um método de trabalho, que ajude a superar a apreensão vulgar, imediata da realidade e permita nela interferir.

É essa intenção que qualifica o planejamento e, conseqüentemente, as contribuições para o processo de ensino-aprendizagem e para a prática docente. Nas discussões os professores têm destacado a dicotomia entre a teoria e a prática. O que se deseja com o planejamento é traçar melhores condições para a sala de aula, difundindo paulatinamente possíveis mudanças a cargo da realidade educacional e a apreensão e valorização das ações pedagógicas. Como argumenta Vasconcellos (2012 p. 45):

O que acontece é que a unidade teoria-prática pode ocorrer de forma mais ou menos precária. Assim, ao contrário do senso comum, podemos dizer que na prática, a teoria é aquela que de fato assimilamos, ainda que não seja aquela que desejaríamos. E no processo de planejamento estamos visando um certo tipo de ação, precisamos então buscar a teoria que a fundamente e, sobretudo, que possa servir de guia para a prática.

Nesse contexto, ocorre a necessidade de abordar o planejamento trazendo as condições mais favoráveis para a construção de sentido e significados para a prática docente, saindo da zona de dificuldades em que se encontra. O conhecimento é fundamental para essa inter-relação entre o professor e o planejamento. Nisso ainda pode estar presente a alienação do educador. Sua consciência pode determinar a prática alienada em que supostamente pode está vinculada.

O ato de pensar é o ato de planejar, temos o dever ético de modificar a vida das pessoas para melhor e não para pior. Planejar é um acordar, é um pensar com sua

própria cabeça. Precisamos ter esse olhar intencional para a escola. Se desejamos contribuir para a transformação social, temos muito a percorrer, buscar, aprofundar conhecimentos, e muito trabalho. Mas, se queremos continuar sem adentrar a realidade existente, continuaremos na calmaria com pouca ênfase para a aprendizagem.

4 METODOLOGIA

O estudo desta temática teve por finalidade tecer considerações acerca do planejamento na realidade escolar atualmente. Assim sendo, a pesquisa objetivou analisar as contribuições do planejamento escolar enquanto princípio pedagógico para a ressignificação da prática docente e do processo de ensino aprendizagem; compreender a importância do planejamento escolar na construção significativa do conhecimento; identificar aspectos relevantes do planejamento escolar para o processo de ensino-aprendizagem; caracterizar as dificuldades dos docentes para a ação de planejar no contexto atual da educação, especificando a identificação de aspectos acerca do planejamento escolar enquanto recurso pedagógico, refletindo o verdadeiro sentido desta ação para os dias atuais, sobretudo, apontando possíveis mecanismos que orientem a equipe escolar para ressignificar o planejamento.

A pesquisa possui um caráter investigativo acerca do papel do planejamento escolar e suas implicações no desenvolvimento educacional, considerando o histórico em consonância com o desenvolvimento e redemocratização social, intelectual, emocional e sociocultural do ser humano, que através de reflexões e análises consiga se apropriar do mundo que o cerca.

Nessa perspectiva, os educadores devem favorecer uma significativa compreensão acerca do planejamento, uma vez que, interfere diretamente em sua prática profissional. Por isso, consideramos o planejamento enquanto recurso favorável ao desenvolvimento da educação. Contudo, cabe primeiramente ao educador essa compreensão para que atenda às necessidades dos discentes de acordo com o contexto social e cultural, sem perder o que eles trazem em sua essência.

Por isso, os objetivos que norteiam este trabalho procuram compreender a importância do planejamento escolar, bem como, identificar seus aspectos relevantes acerca da construção de conhecimento, além de caracterizá-lo enquanto instrumento pedagógico estruturante do processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho em questão trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que se buscou compreender e interpretar os dados coletados a partir das falas dos professores sobre suas práticas em sala de aula, levando em consideração as concepções a

respeito do tema abordado. Como afirma Gonçalves (2001, p.68), “[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas [...]”.

A pesquisa ocorreu nas Cidades de Cajazeiras e Cachoeira dos Índios, com professores que lecionam na Educação Básica. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, foi utilizada uma entrevista, que permitiu um contato direto com as professoras, sujeitos da pesquisa. Para melhor desempenho da pesquisa, na coleta de dados houve um cuidado com o material utilizado para não induzir ou influenciar as entrevistadas às respostas que serão convenientes para a pesquisa. É relevante também adquirir o interesse das entrevistadas com parceria, desse modo é possível desenvolver um trabalho mais significativo.

Os dados foram coletados diretamente com os sujeitos colaboradores deste trabalho, para uma posterior reflexão, ressignificando e analisando os elementos contribuintes para a formação do educador. Os professores responderam algumas questões relacionadas à temática. Estas foram planejadas, baseadas nos objetivos da pesquisa e registradas de imediato para que a pesquisadora não esquecesse nenhuma informação relevante.

A pesquisa realizada foi do tipo exploratória e que buscou proporcionar uma familiaridade com o objeto de estudo, com objetivo de construir hipóteses, envolvendo um levantamento bibliográfico, entrevistando pessoas com experiência prática com a problemática estudada. A pesquisa exploratória consiste na primeira etapa para uma pesquisa mais elaborada mediante procedimentos mais sistematizados. Para fundamentar essa análise Gonçalves (2001 p. 65) afirma que:

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Este tipo de pesquisa tem por objetivo dar uma explicação geral sobre fatos através de levantamentos e se constitui em uma primeira etapa para uma investigação mais ampla.

Por fim, abordamos o resultado encontrado nesta investigação, no que se refere ao papel do planejamento escolar, relacionando-o com sua função social, a partir da participação dos professores na pesquisa, ressignificando-o para além da sala de aula e das metodologias tradicionais.

Na análise dos resultados da pesquisa utilizamos de sigilo frente à identificação dos sujeitos da pesquisa, mantendo-se fiel as determinações traçadas inicialmente, assim foram identificadas as professoras participantes da pesquisa: P1, P2, P3, P4 e P5.

Ainda na análise observamos o sexo, idade, a formação acadêmica, local de trabalho, tempo de trabalho e outras especificidades. As falas das educadoras foram mantidas sem acrescentar ou retirar nenhum de seus argumentos. As falas foram transcritas mantendo a originalidade, para posterior análise em confronto com os estudos de diversos autores a respeito do planejamento na perspectiva da relação entre teoria e prática.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA

A análise foi feita a partir da transcrição das entrevistas com as falas das educadoras, utilizando a codificação anteriormente mencionada. Juntando as falas citadas pudemos propor um confronto mediado por diversos autores que discutem a temática o que possibilitou uma compreensão específica sobre o planejamento na realidade educacional.

5.1 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Entrevistadas	Sexo	Idade	Município	Formação: Graduação	Pós-graduação	Tempo de atuação	Tempo de Atuação na escola
P1	F	35	Cachoeira dos Índios	Normal; Pedagogia	Psico-Pedagogia	17	7
P2	F	33	Cajazeiras	Normal; Letras	Língua, linguística e literatura.	17	12
P3	F	39	Cachoeira dos Índios	Normal; Pedagogia	Psico-pedagogia	18	14
P4	F	28	Cajazeiras	Normal; Pedagogia (cursando)	-	6	6
P5	F	26	Cajazeiras	Normal; Pedagogia (cursando)	-	6	6

Fonte: Entrevista com os sujeitos da pesquisa (2015)

Analisando o quadro com as características dos sujeitos da pesquisa, percebemos que há predominância do sexo feminino, mulheres entre 26 a 39 anos de idade, todas com um bom período de atuação no magistério entre 6 a 18 anos de experiência em sala de aula. Todas com formação em nível normal médio. Das 5 docentes investigadas, 2 estão na graduação no curso de Pedagogia, 2 possuem graduação e especialização na área de atuação e apenas 1 tem formação em Licenciatura Plena em Letras, com especialização também nessa área. Todas as professoras investigadas estão atualmente lecionando no Ensino Fundamental I, entre o 1º e 5º anos, sendo 3 no Município de Cajazeiras-PB e 2 no Município de Cachoeira dos Índios-PB.

Desta feita, queremos mencionar ainda que, ao observar o quadro, das 5 docentes entrevistadas, 2 estão inseridas ainda na formação inicial, destacando a presença

fortemente direcionada às reflexões teóricas e acadêmicas acerca das novas metodologias para a atuação docente.

Um dado importante é a formação continuada em nível de pós-graduação, uma vez que 3 das professoras entrevistadas possuem esta titulação, isso torna a educação mais amplamente vinculada à realidade atual em que estão inseridas. Desta forma, as docentes puderam expressar livremente seu ponto de vista acerca da temática do “Planejamento Escolar” fazendo-se compreensivas para com a importância da pesquisa.

Após a caracterização das docentes sujeitos da pesquisa, passamos a análise das falas coletadas a partir de uma entrevista semiestruturada, correspondendo a quatro temas norteadores, abrangendo questões que dizem respeito à problemática em estudo.

TEMAS DE PESQUISA

- a) A educação na atualidade e a função social da escola;
- b) Contribuições do planejamento para a prática docente e o processo de ensino aprendizagem;
- c) A falta de sentido do planejamento escolar;
- d) Ressignificando a prática do planejamento escolar.

Na análise estão presentes os pontos relevantes da pesquisa, mencionando na íntegra as falas e exposições das docentes participantes, considerando seus argumentos em confronto com as concepções de autores que discutem a temática do planejamento escolar.

Tema 1: A Educação na Atualidade e a Função Social da Escola

Nesse item, consideramos que há uma necessidade de se olhar para a educação, partindo do pressuposto de que para a construção de uma sociedade nova, faz-se necessário uma educação nova, à medida que a sociedade muda, os sujeitos avançam e a escola deve estar disponível para alcançar e acompanhar essa nova realidade, focando sempre em seu objetivo primordial que é exercer sua função

social, ou seja, a formação dos sujeitos como cidadãos ativos e participantes dos destinos da sociedade. Essa é a realidade que tem que ser discutida na escola atual.

Nessa perspectiva, a escola enquanto instituição comprometida com a formação do indivíduo exerce um ofício reconhecido publicamente pela dedicação, experiência e responsabilidade que lhes são requisitadas. Assim sendo, ao discutirmos a função social da escola, entendemos a educação em seu sentido mais amplo, enquanto prática social que se dá nas relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si.

A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205 preconiza que, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício e sua qualificação para o trabalho.”.

Nessa perspectiva, foi solicitado que as docentes participantes da pesquisa elencassem os desafios da educação atual para o desenvolvimento da função social da escola.

A educadora P2 traz uma forte reflexão acerca do empenho dos educadores em motivar os alunos, procurar dar um sentido, trabalhar os conteúdos de forma a despertar o interesse dos educandos e a curiosidade em buscar cada vez mais novos saberes. Vejamos o que diz a docente sobre a realidade da educação na atualidade e a função social da escola:

Os desafios é realmente o professor conseguir planejar de uma forma que atinja os alunos, realmente é a aprendizagem, que diversos fatores contribuem para o fracasso em sala de aula e principalmente a questão que eu vejo mais é o desafio para com a falta de interesse dos alunos, falta de acompanhamento da família e isso implica grandemente na defasagem da aprendizagem dos nossos alunos. É inserir dentro dos conteúdos programados a realidade dos alunos. Assim a escola cumpre seu papel social, porque se torna mais eficaz e alcança de forma eficiente seus objetivos. (P2)

De acordo com a fala da educadora, é necessário conhecer a realidade dos alunos, suas dificuldades e habilidades, uma vez que, esse é o ponto principal do planejamento. Para que planejar? Para quem planejar? Como planejar? Sem esse conhecimento fica difícil traçar metas que realmente atinjam a realidade dos alunos. A família é outro ponto forte na fala da educadora, embora para compreender a função da família seja preciso refletir sobre suas possibilidades de ação, pois há realidades nas quais essa instituição está tão desfigurada que não se pode esperar

muito dela. Neste sentido, seria bom que o professor pudesse contar com o auxílio de outros profissionais na escola, o assistente social, equipe pedagógica, entre outros. Hoje não podemos saber somente o que queremos ensinar, mas também como ensinar e a quem ensinar. Quando o conteúdo programático dista da realidade local, é preciso tomar outras providências para ajustá-los.

A este respeito, Maia (2009 p. 88) defende que:

Partindo da contextualização, a escola terá campo propício para a problematização do conteúdo proposto, fazendo-o de maneira que os alunos sintam-se motivados, despertando neles a vontade de buscar respostas em fontes diferentes. Em outras palavras para ter êxito, o ensino deve promover o interesse dos alunos”.

A autora traça considerações pertinentes acerca da realidade atual da educação. O que hoje vemos é um confronto cada vez mais forte das novas metodologias que tentam transpor mecanismos ultrapassados e que não cabem mais na realidade atual. Essa realidade está presente nas falas de quase todas as docentes entrevistadas, quando elas de diferentes maneiras levantam esse posicionamento quase que unânime em suas falas. A docente P3 traz as seguintes considerações:

Eu acredito que os maiores desafios é o professor não acompanhar a evolução do seu aluno visto que muitas vezes o aluno vem com um aprendizado mais elevado do que aquele conhecimento que o professor tem, quando ele está detido no livro, e muitas vezes têm aluno que faz uma pergunta ao professor para desafiar e se o professor não está atualizado com toda essa mudança que tem das tecnologias, o professor começa não acompanhando, nós enxergamos dessa forma, o professor não pode mais se deter apenas no livro didático. A tecnologia faz hoje o aluno saber muitas coisas e nós não sabemos por causa da falta de pesquisa. Nunca vamos saber tudo, mas estaremos sempre procurando saber mais. Inúmeros elementos que agente pode olhar, entre eles nós sabemos que hoje na educação muitas vezes o professor tem que começar do zero.

A professora P3 traz outra realidade que ainda deve ser considerada no amplo leque de reflexões acerca da realidade escolar, ou seja, as novas tecnologias na educação. Dois leques bem distintos, em um a dificuldade de chegar aos alunos e motivá-los, tendo o distanciamento da família, em outro as novas tecnologias que causam também nos educadores novos desafios. Centrando nossa discussão, na importância da motivação dos alunos, acreditamos que tudo isso parte do interesse e disposição dos educadores em dedicar tempo, esforços e estudos para se chegar onde deseja.

Tem criança que vem sem aquela base que a família antes dava, hoje com essa tecnologia que nós temos, a família perdeu toda a base e aí, o professor muitas vezes tem que iniciar do zero. O meu

aluno tem que formar sua opinião, e eu não posso desconsiderá-lo. Tenho que levar em conta o conhecimento prévio do aluno aquilo que ele trás de bagagem. Um grande desafio que encontramos hoje é que temos professores antigos e professores atuais, de uma nova remessa e quando você diz, lança esse desafio que precisamos mudar, para aquele professor que já vem com o tradicionalismo ele mudar, ele não aceita e você fica muitas vezes tentando trabalhar isso com o professor e ele não aceita, ele diz que não vai mudar o método dele, porque o método dele esta dando certo e no fundo no fundo não esta dando certo, mas ele não admite, então é um desafio muito grande porque o planejamento poderia dar rumos a nossa rotina na sala de aula ele termina se detendo em professores que quer a mudança e outros que não querem. Um desafio grande e novo para nós. (P3)

Sobre a temática da educação na atualidade e a função social da escola, a professora P4, elenca alguns pontos importantes, entre eles, as novas tecnologias, quando diz ser um dos pontos importantes para essa educação atual, sendo que em todos os lugares estão presentes as tecnologias e que a escola precisa estar por dentro dessa realidade. Para isso refletimos que a educação está para além da realidade de ensinar a ler e escrever, como prática exclusiva da escola, uma vez que, o homem em seu processo natural instaura leis que regem sua convivência com os grupos e criam estruturas sociais básicas que se solidificam à medida que vão se constituindo como formação humana.

Nessa perspectiva, a função social da escola em seu sentido mais amplo assegura que a escola deve fugir das metodologias tradicionais que visam um ensino meramente técnico. É o que assegura Maia (2009 p. 87) quando assevera que, “[...] as escolas devem, em substituição de práticas que são meramente reprodutivas, pensar, planejar e executar práticas que respondam às necessidades do homem contemporâneo, assim ocupando um papel decisivo na formação da cidadania.”.

Além das tecnologias, a educadora faz referência ao acompanhamento dos educandos, visto que é necessário considerar o seu conhecimento prévio e a facilidade que há hoje para adquirir novas informações e conhecimentos. O educador segundo a docente P4 tem que estar disponível para a pesquisa e o planejamento. Bem como, ainda destaca a realidade de educadores que se acomodaram e tem dificuldades de mudar, de aceitar as novidades da educação atual.

Para tanto, Maia (2009 p. 88) acrescenta que:

O currículo, portanto, não pode ser rígido, nem proveniente de uma estrutura meramente disciplinar, mas despertar e buscar nos métodos globalizados o sentido e a significação dos conteúdos, de modo que possam estabelecer relação entre o que é debatido em sala de aula e a

realidade social em que os alunos estão inseridos. Nesse sentido, mais que transmitir o conhecimento, vale trabalhá-lo de forma que os alunos encontrem sentido e aplicabilidade nesse processo de busca e de construção do conhecimento.

Assim sendo, vale ressaltar o que diz a P4 ao expor sua opinião:

Bem, a função social da escola vai além do só ensinar conteúdos, ela passa a educar, a ensinar também os conteúdos. É como o próprio nome diz, é a atuação atual, e que houve muitas transformações, antes era uma educação voltada para o professor, como centro do aprendizado e hoje a educação está voltada para o aluno, como sujeito do processo educativo. (P4)

Logo, a educadora consegue acompanhar paulatinamente um raciocínio construtivista, deixando de lado o tradicionalismo, que é o que estamos a certo tempo tentando fazer, ao refletir a educação atual que vive esse período de transição. Para enfatizar essa fala da educadora trazemos a reflexão de Maia (2009 p.90):

Nessa perspectiva as crianças não podem ser tratadas apenas como “cidadãos em formação”. Elas já fazem parte do corpo social e, por isso, devem ser estimuladas a exercitar sua condição de cidadãos, desenvolvendo expectativas e projetos em relação ao conjunto da sociedade.

Esse é um grande desafio da escola hoje. Mas, para que a escola desenvolva sua função social a educadora citada ainda acrescenta que um ponto importante a ser considerado para a atualidade é a alienação dos educadores mais antigos, esses tem mais dificuldades em aderir a qualquer mudança. Vasconcellos (2012) argumenta que só tem sentido o planejamento se o professor se colocar em uma postura de mudança, ou seja, se o educador, sujeito tão importante no processo de ensino-aprendizagem não se dispôr a mudança, de nada vale pensar o novo.

Ao alcançar certo tempo de trabalho, muitos educadores se acomodam a ponto de desconsiderar a necessidade de mudança, é o que ficou explicitado na fala a seguir:

Então, partindo dessa realidade os professores por ter um bom tempo de sala de aula, por estar perto de se aposentar, eles dão mínima importância ao planejamento, é só uma coisa a mais, é como se eles já soubessem de fato daquilo que eles já têm como conhecimento. O planejamento se torna menos importante, como se fosse uma reunião a mais, se torna até cansativo e que até se torna um momento de confronto entre eles mesmos, entre os professores. E por mais que eles quem esteja a frente tente fazer seu trabalho sempre entra em confronto com essa realidade, os professores não aceitam e não tem como importante para eles, assim como também as formações continuadas contribuem para a escola nesse contexto atual. (P5)

Vasconcellos (2012) explana acerca da necessidade de considerar o homem além da intelectualidade e, portanto, da mera condição de objeto, a qual a racionalidade alcança. O homem é muito mais que isso, é emoção, sentimento e razão, portanto não basta uma simples ideia rabiscada em um papel, tem de haver mudança e o educador precisa acompanhar a realidade.

Se o 'bicho homem' funcionasse apenas na base do raciocínio, provavelmente todos os seus problemas já estivessem resolvidos. Acontece que além de racionais somos afetivos, éticos, estéticos, físicos, espirituais, sociais, econômicos, culturais, políticos. Temos um conjunto muito mais de necessidades do que simplesmente as intelectuais. Não queremos dizer, evidentemente, que essas últimas não sejam importantes; apesar dos limites da razão, é por ela que temos possibilidade de ação e interação, até porque ela está, mais ou menos acentuadamente, presente nas demais necessidades. Mas reduzir o homem a ela, é perder de vista o homem concreto. As ideias sozinhas, não resolvem. Por isto, não podemos nos iludir achando que a força de um plano está nas 'ideias sofisticadas' (VASCONCELLOS, 2012, p. 38)

O autor ainda traz a reflexão sobre as fichas preenchidas antigamente pelos educadores, essas serviam como seus apontamentos, bases fundamentais para suas aulas, de forma que os mesmos não entravam em sala sem seus "apontamentos". Um professor que se acomoda e acha que sua experiência é suficiente para delimitar todo o seu trabalho enquanto docente. No entanto, a cada novo dia, novos desafios.

Não podemos desconsiderar a bagagem que o professor traz, entretanto, não podemos parar nelas, é preciso avançar acompanhando as modificações da atualidade. Os professores novos e os mais velhos têm muito a aprender com os novos desafios presentes na atualidade. É preciso compreender o passado para planejar o presente com vistas ao futuro. Ou seja, as metodologias tradicionais foram importantes para o seu tempo, e, hoje partimos da ideia de que não são suficientes, aproveitamos o que houve de positivo para traçar novas metodologias com vista no público que temos hoje.

Tema 2: Contribuições do Planejamento Para a Prática Docente e o Processo de Ensino-Aprendizagem:

Na abordagem deste tema, foi solicitado que as educadoras expusessem sua opinião acerca das contribuições do planejamento para a prática docente e o

processo de ensino-aprendizagem, visto que, o planejamento é uma atividade eminentemente humana.

Para tornar mais fecunda a discussão Vasconcellos (2012 p.14) preconiza que, “Planejar é uma atividade que faz parte do ser humano mais inclusive do que imaginamos à primeira vista. Nas coisas do dia a dia, como tomar um banho ou dar um telefonema, estão presentes atos de planejamento”. O autor ainda argumenta que quando falamos em processo de ensino e aprendizagem, estamos falando de algo muito mais sério, que precisa ser planejado, com qualidade e intencionalidade.

Menegolla e Sant’anna (2014 p. 13) afirmam que a

[...] história do homem é um reflexo do seu pensar sobre o presente, passado e futuro. O homem pensa sobre o que fez; o que deixou de fazer; sobre o que está fazendo e o que pretende fazer. [...] O ato de pensar não deixa de ser um verdadeiro ato de planejar.

O que torna a discussão mais concentrada no planejamento como prática principalmente humana e indispensável para a realidade escolar. Assim sendo, a Professora P2 relatou que:

O planejamento é indispensável porque se o professor não planeja, ele não vai ter noção, não vai ter objetivos traçados. O que eu pretendo alcançar da minha sala de aula durante essa semana? Então ele não vai ter esses objetivos essas metas. Outra coisa, ele vai dar qualquer coisa, qualquer atividade que vier a sua cabeça e aí ele não vai ter condição de avaliar o que ele conseguiu o que ele precisa melhorar de rever essas coisas.

A professora levanta uma questão importante, em sua fala quando aponta o ato de planejar como meio para se ter noção do contexto, como ação intencional, o que ela chama de traçar objetivos e metas, bem como, assegura a avaliação vinculada com os objetivos. Nos estudos realizados para se chegar a esse trabalho, consideramos a partir do significado etimológico da palavra “Planejamento; planejar, plano”, apresentado no dicionário, como um trabalho de preparação para qualquer empreendimento. A educadora, apesar de todo o seu descontentamento com a realidade dos alunos na sala de aula, sabe dar sentido ao planejamento, argumentando com clareza.

Na fala seguinte a educadora ainda divide com a escola a responsabilidade de desenvolver nos alunos a consciência crítica, dando à escola a função de formadora

de opiniões. Para tanto, a escola é entendida como as pessoas, não como um ser abstrato, e deve, portanto, ser incorporada por toda a equipe que a compõe.

A escola, como formadora de opinião ela precisa incentivar o aluno a pensar, no planejamento o professor precisa programar atividades e fazer um bom plano de aula, porque não adiante eu planejar de todo jeito, eu tenho que me deter muito nas atividades, quais as atividades eu vou programar que possibilitem o meu aluno a construir o conhecimento, texto, atividades que possibilitem ele a pensar por si só, a formar sua opinião e não simplesmente o professor chegar e jogar os conteúdos. (P2)

Logo, percebemos que a educadora expõe sua preocupação e dar grande ênfase ao planejamento como sendo essencial à prática docente e ao processo de ensino - aprendizagem. Para tanto, é importante ressaltar que o planejamento não é uma receita pronta, mas o que se propõe é guiar as práticas docentes de sala de aula. Vasconcellos (2012) observa que não é o planejamento que dá vida a escola, isso seria uma ilusão. No entanto, dentro de uma educação libertadora o planejamento deve articular os sujeitos, pessoas e uma prática transformadora. Libâneo (1994) enfatiza o que já vem sendo analisado por outros autores a respeito do planejamento como prática consciente e um processo de racionalização, organização e coordenação.

O trabalho docente, como vimos, é uma atividade consciente e sistemática, em cujo centro está a aprendizagem ou o estudo dos alunos sob a direção do professor. [...] ele não se restringe a sala de aula; pelo contrário, está diretamente ligado a exigências sociais e à experiência de vida dos alunos (LIBÂNEO, 1994 p. 222).

Isso confirma a ideia de Vasconcellos (2012 p. 15) ao expor que “o planejamento educacional é da maior importância e implica enorme complexidade, justamente por estar em pauta a formação do ser humano”. Com isso que destacar a expressão “formação do ser humano”. Se cada professor tiver consciência dessa complexidade, o planejamento se tornará mais importante em sua prática, ao traçar seus objetivos. Como acrescenta a professora P1:

O planejamento é muito importante para a prática de ensino-aprendizagem e para a prática docente, pois ele possibilita que o professor antecipe e organize todo seu trabalho, desde objetivos, conteúdos, metodologias, facilitando sua prática docente. Por isso que é importante o planejamento porque o professor vai realmente fazer essas considerações, com relação a realidade, a faixa etária o aprendizado de cada um. E no planejamento ele vai colocar estratégias para aqui seja desenvolvido estratégias para o seu plano de aula e aí possa formar esse leitor, onde ele possa dar sua própria opinião e formar esse cidadão consciente de seus deveres e direitos e obrigações.

As duas educadoras fazem importantes considerações acerca da realidade e da formação do ser humano. Isso também nos lembra que o planejamento não pode ser colocado como um instrumento de controle para o educador, o que ocorre em muitas instituições, de fato, o planejamento organiza o trabalho do professor desde os objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação, em muitos casos, o planejamento ao invés de ser um aliado se torna forma de controle, prisão. Isso quem diz é Vasconcellos (2012).

A fala da educadora P3 não se distancia da realidade já abordada nas falas anteriores, ela apenas considera duas realidades: O plano como sendo flexivo e a reavaliação do educador a partir dos objetivos e metas traçados no planejamento. Vejamos:

Para o professor, enxergamos que quando eu planejo, eu tenho a meta daquilo que quero atingir, então, o planejamento vai dizer a você o que vai ser feito na sala de aula, mas, porém, temos que lembrar que o planejamento é flexivo por situações causadas no dia a dia, então o professor tem que lembrar que eu faço o planejamento, mas ele é flexivo visando aquilo que temos como meta. Outra coisa que temos no planejamento e que eu tenho que está sendo me reavaliando, se o planejamento que fiz para aquela semana valeu eu atingi as metas? Que infelizmente muitas vezes agente não olha para isso. Fazemos o planejamento e independentemente se atinjo as metas não faço essa avaliação e ai, prossigo. E “termino não chegando ao objetivo” (P3),

Aqui a educadora traz para a discussão a flexibilidade do planejamento, essa questão já foi muito mal interpretada, o flexivo não significa imprevisto, falta de planejamento, falta de compromisso e responsabilidade. A educadora ainda faz algumas considerações sobre o imprevisto no processo de ensino aprendizagem:

Quanto ao imprevisto eu fico impressionada quando o professor olha e diz que o planejamento não precisa, eu fico imaginando o que é um professor em sala de aula sem um planejamento, porque não existe, as vezes um imprevisto em uma situação você pode fazer, em uma situação, mas não tem como você ir todos os dias para a sala de aula e improvisar. Temos que ir para a sala de aula com uma coisa certa, um objetivo certo, sobre o que você quer fazer naquele dia. Se não planejamos vamos atingir o que? Não existe essa história de que eu dou aula sem o planejamento. Não existe. (P3)

Ainda sobre o planejamento levantou-se a seguinte indagação: Com que frequência deve acontecer o planejamento escolar? E quais os critérios a observar? Foi unânime a afirmação das educadoras ao tratar esse assunto, elas consideram necessário que haja o planejamento e com frequência. Isso confirma a análise realizada por alguns autores ao expressarem a necessidade de um planejamento no qual sejam abordadas questões pertinentes ao processo pedagógico e ao ensino –

aprendizagem. Libâneo (1994) preconiza de forma ampla e bem sistemática a realidade social que não pode ser desconsiderado no planejamento.

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado pôr influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classe. Isso significa que os elementos do planejamento escolar --- objetivos, conteúdos, métodos --- estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações; se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes na sociedade (LIBÂNEO, 1994 p. 222).

Diante disso, observaremos as falas das educadoras a seguir compreendendo suas opiniões como bem asseguradas e com boa ênfase ao que de fato deve ser considerado no cotidiano da escola.

O planejamento a meu ver ele tem que ser semanal, o professor tem que ter o seu plano de aula todos os dias evidentemente, fazendo semanal ele terá condições de reavaliar. Se eu planejo toda semana eu tenho condição de melhorar ou sanar deficiências que pude enxergar nos dias anteriores com a minha turma. (P3)

Além do dia obrigatório, particularmente eu acredito que sempre. Sempre que surgiu algo novo, uma temática nova, uma necessidade de explorar e rever algo para melhorar a minha prática. O professor não pode ficar parado ele tem que está no processo contínuo. Tem que ter uma temática, um alvo, o professor tem que está centrado, o planejamento deve ser claro, deve ter um resultado e pensando no aluno e no próprio professor (P4).

Eu acredito que semanal, quinzenal fica meio que vazado, na nossa realidade é semanal, e cada semana está tendo um desafio novo. Se fosse cumprir realmente o que é um planejamento eu acredito que muitas coisas já teriam mudado, já tinha saído do que não é atual, muitas coisas já tinha melhorado se o planejamento seguisse sendo o que deve ser. Então eu acredito que deve ser semanal. Mas existem realidades que é quinzenal (P5).

Há algumas questões para serem analisadas nas falas. Primeiro, as educadoras consideram a necessidade do planejamento semanal para que cumpra seus objetivos. Depois vimos que em suas falas, está presente a prática do planejamento como momento oportuno para avaliar e traçar novas metas, bem como, é por meio do planejamento que as possíveis mudanças devem acontecer. Ainda está explicito que o planejamento não está sendo realizado em seus espaços escolares de maneira eficaz. Assim, como diz Vasconcellos, nas escolas, de fato, as coisas só ocorrem nos papeis, armazenam papeis, documentos, sem fazer uso deles adequadamente.

Tema 3: A Falta de Sentido do Planejamento Escolar

Diante das leituras e estudos realizados acerca da temática é possível perceber uma grande falta de sentido dos docentes para com o planejamento escolar. Menegolla e Sant'Anna (2014) levantam algumas questões bem pertinentes sobre a realidade dos educadores para com o Planejamento, chegando a ver essa realidade de descrença como “ridículo pedagógico”.

Nessa perspectiva, foi solicitado que as educadoras sujeitos da pesquisa, falassem a respeito dessa questão, se é do conhecimento delas, se há posturas que confirmam ou se elas mesmas assumem em sua vivência pedagógica algum aspecto que confirme essa realidade. Quais os elementos que contribuem para essa falta de sentido e de descrença? Foram levantadas algumas questões importantes, como por exemplo, o planejamento que vem direto da secretaria de educação, muitas vezes imposto para que o professor execute sem considerar a realidade escolar, causando a falta de interesse dos alunos, juntamente com o acompanhamento da família.

A questão da falta de sentido é principalmente por parte de planejamentos que fazemos com a secretaria de educação porque eles trazem muitos temas bons, mas muito teóricos, muito altos, de forma geral que não abrange a nossa realidade particular de cada sala de aula, ai por isso que a maioria dos professores vão porque são obrigados, não vêem sentido nisso, por ser muito teórico, outra questão que desanima agente é que planejamos, trazemos uma coisa nova, outra, mais a falta de interesse dos alunos sempre desestimulando os professores, essa falta de interesse já vem da família desestruturada que não dá nem um apoio a criança e nem ao professor, que quando chamamos a reunião de pais eles simplesmente jogam a responsabilidades para que o professor resolva, “professora coloque de castigo, eu não sei mais o que fazer com esse menino”, é menino se agredindo, não estando nem aí, você pode levar o que for de diferente que chamem a atenção deles, eles não estão nem aí isso desestimula muito agente. (P2)

Mais uma vez na fala da docente, aparece a escola desvinculada da realidade. A escola por um lado, preocupa-se com o contexto, com a realidade, com o trabalho do dia a dia, e a secretaria da educação com uma realidade fantasiosa, distante, desvinculada. Assim sendo, a obrigatoriedade imposta aos professores, não será suficiente para impulsionar sua tarefa cotidiana. Se o professor esperar apenas essa motivação de fora, não desempenhará um bom trabalho.

Vasconcellos (2012 p. 14) fala sobre a falta de sentido colocando que:

Quando adentramos no campo educacional, deparamo-nos com séculos de denúncias de uma escola desvinculada da vida, abstrata, formalista,

autoritária, passiva, etc., e, no entanto, numa observação mais atenta, nos damos conta que a prática, no seu conjunto, pouco tem mudado.

Isso nos faz compreender que essa realidade da falta de sentido para com o planejamento já é algo que vem de outros tempos, como mesmo acrescenta Vasconcellos (2012 p. 14) quando argumenta que:

A falta de interesse dos alunos, os elevadíssimos índices de reprovação e evasão escolar, a baixa qualidade da aprendizagem, o desgaste do professor, a insatisfação de pais, as queixas do mercado de trabalho em relação ao perfil do profissional saído da escola, etc., são alguns sinais desta triste realidade.

A educadora P1 traz a discussão sobre a dificuldade de tempo das docentes para o investimento no planejamento, por isso o mesmo torna-se apenas mais uma coisa que será acrescentada na jornada de trabalho e ainda lembra a desvalorização dessa categoria. É notório que a falta de sentido gerada entre os docentes tenha como base o vazio de sentido das reuniões pedagógicas, das atividades burocráticas, cumprimento de prazos formais. Nisso tudo percebemos que há muitas questões envolvidas que ocasionam a descrença dos professores, e principalmente porque há um paradoxo entre os docentes que consideram o planejamento escolar importante, mas ao mesmo tempo, apresentam inúmeras dificuldades em sua execução. Vejamos o que dizem as educadoras:

O planejamento muitas vezes torna-se uma atividade a mais para o professor, devido ao acúmulo de tarefas, por precisar trabalhar mais, devido à desvalorização com a qual ele é tratado, e o baixo salário que ganha. O cansaço e a desmotivação com a própria realidade da escola tiram muitas vezes o sentido do planejamento. O planejamento é sim um instrumento de controle para o professor. Pois, é o planejamento que norteia o trabalho do professor. Ele é fundamental, visto que possibilita uma melhor organização e preparação do trabalho docente. (P1)

É possível observar que o professor ao mesmo tempo em que considera o planejamento importante, apresenta inúmeras dificuldades, assim também podemos perceber nas educadoras participantes da pesquisa que toda a falta de sentido e desmotivação está diretamente ligada à falta de compreensão do verdadeiro sentido do ato de planejar, que pressupõe uma atividade bem mais complexa, porém mais eficaz que o considerado. Os educadores se sentem amedrontados ou impotentes frente a sua importância também na dimensão educacional, tanto que conseguem identificar inúmeros problemas, mas nada fazem para mudar, ou não se posicionam na tentativa de melhorar, ou mesmo de demonstrar sua insatisfação para que algo seja feito.

Sem dúvidas, em muitas situações é imposto ao professor que se você não fizer o planejamento ou se não vier ao planejamento será descontado um valor do seu salário ou ainda se você não fizer o planejamento vai vir no sábado, então muitas vezes há uma “ameaça” e faz muitas vezes com que o professor venha para o planejamento sem sentido, não há uma decisão do professor, “se eu não fizer, eu não vou fazer um bom trabalho, uma boa aula”. Infelizmente há esse controle, ficamos tentando disfarçar dizendo que não, mas há sim, é claro isso, muitos não admitem. Mas faz porque é submetido, “ameaçado” e aí evidentemente agente vai e faz. Mas há sim esse controle. (P3)

Diante da fala da professora, percebemos que ela não concorda que o planejamento seja um instrumento de controle, mas acredita no planejamento. Ou seja, o planejamento tem uma função, mas que precisa ser colocada para os educadores de forma que eles construam esse sentido para o planejamento, sem ser imposto, sem ser cobrado ou até mesmo “ameaçado”. Isso faz toda a diferença no trabalho escolar, pois cobrar, controlar, ameaçar, expor, nunca é o melhor caminho para resolver os problemas escolares. Principalmente nos tempos atuais, quando as coisas são tão flexíveis e todos devem trabalhar nessa perspectiva, em um mundo que é tão cheio de imprevistos. Segundo Menegolla e Sant’Anna (2014 p. 43):

Os setores pedagógicos da escola, não devem determinar, uma forma única para planejar todas as disciplinas, como se todas fossem iguais; como se todos os professores e alunos fossem uniformes, agissem da mesma forma, tivessem os mesmos objetivos, interesses e as mesmas habilidades.[...] podem e devem fornecer propostas e orientações aos professores de como devem planejar, mas o que decide o modelo de plano são os objetivos dos alunos, do professor e as possibilidades de executá-lo numa determinada classe, considerando a sua realidade.

Ou seja, parece haver certa nitidez na fala da educadora, embora tenha apreendido essa realidade de forma diferente deixando há desejar um pouco na articulação entre as ideias. Veja que a fala da P3 distancia-se um pouco da P1, principalmente quando a Professora P3 se posiciona em favor do planejamento como um instrumento de controle e coloca como se isso fosse importante para que se tenha ênfase. Menegolla e Sant’Anna (2014 p. 41) ainda asseguram que:

Parece haver, entre os professores, uma ideia de que o planejamento é desnecessário e inútil por ser ineficaz e inviável na prática. Isso é na ação prática nada acontece do que é planejado. Ele é encarado apenas como algo que existe apenas para satisfazer a burocracia escolar. A ideia geral é de que se faz planejamento porque é exigido e não porque se sente a necessidade de planejar para se desenvolver uma ação mais organizada, dinâmica e científica.

Essa pode ser uma questão importante na fala das educadoras, ao abordar a realidade de descrença para com o planejamento. Apesar de todas as questões levantadas, fica evidente o pouco conhecimento e aprimoramento das educadoras sobre a importância do planejamento, seus objetivos e metas.

Nem sempre o planejamento é colocado como um instrumento de controle para o educador, porque o professor ele é um ator, ele é aquele que recria. Ele não pode controlar o professor, ao contrario, é o professor quem deve trazer ideias para o planejamento. Tem que se renovar sempre. Eu considero que é a ferramenta básica. Eu acredito que essa descrença se chama falta de estímulo, falta de não tem mais expectativas, sendo sincera, há muitos professores que pega seu caderninho de folhas amarelas e entra ano e sai ano. Ou seja, eu acho que o professor precisa está mais estimulado, eu considero que seja a causa principal. Aí vai pela coordenação da escola. Vamos perguntar ao professor o que está acontecendo em sua sala de aula? Por que o coordenador não pode parar um momento para saber? Por que o professor anda desestimulando? Aí vai também da gestão superior. Não vou colocar a culpa no sistema porque eu devo pensar na minha prática escolar e depois no sistema, é isso que está acontecendo, muitos professores desestimulados, ao mesmo tempo em que tem professores desestimulados há outros que estão motivados a aprender, a fazer um bom planejamento, a rever a sua prática, a melhorar sua postura, tanto ética quanto profissional. (P4)

Ao analisarmos as falas das educadoras, percebe-se que está muito entrelaçada a superficialidade de conhecimento acerca do planejamento, como se poucos tivessem um verdadeiro aprofundamento diante dessa questão e se enchem de atividades extras e outros afazeres que se contrapõem ao tempo destinado a essa preparação. Há uma indagação de Menegolla e Sant'Anna (2014 p. 9) quanto à ação do planejamento:

Quais seriam as causas que provocam este fenômeno antipedagógico em rejeitar a ação de planejar por parte de certos professores? Uma das causas não seria o superficial conhecimento e o pouco preparo que os professores possuem sobre o planejamento e a sua validade científica pedagógica e didática? Parece-nos que, de certa forma, algumas vezes, a rejeição ao ato de planejar reside no fato de que haja uma carência de objetivos claros e bem definidos, sobre a importância de tal ato. Desse modo os professores passam a perceber que os planejamentos a eles solicitados não passam de exigências burocráticas ou de defesa de certos modismos pedagógicos.

Isso é um fato muito importante, os educadores deveriam ser os primeiros a ter conhecimento de causa nessa área, porque o planejamento é importantíssimo para a educação, principalmente nos dias atuais onde cada vez mais crescem os desafios na área da educação. Como bem narrou a educadora sobre o comportamento de colegas que ainda se utilizam de fichas com seus apontamentos e que vão passando ano após ano, sem objetivos claros e definidos sobre a importância do planejamento na prática dos educadores. Sobre a falta de sentido do planejamento outras docentes relatam:

O que pode causar é justamente esse desinteresse, é o achar que eu estou acompanhando a tecnologia aí eu não precisa mais levar essa novidade, e aí o planejamento vai perdendo o sentido. O desinteresse é criado por nós mesmos, nós vamos perdendo o interesse de planejar. (P3)

Seria na questão do se desprender, o fato deles se sentirem em uma realidade cômoda, quando vem essas novas metodologias, novas formas de ensino, é como se tirasse, se desestabilizasse o professor e estes ficam como resistentes e não se abrem a essas novidades. (P5)

A fala das educadoras só confirma o que vem sendo abordado por Menegolla e Sant'Anna (2014, p.10) ao tratar da importância do planejamento:

Ao defrontarmos com esta situação de pouca funcionalidade dos planejamentos que, de modo especial, acontece com as escolas, na realidade essa situação se torna complexa, pois sempre achamos que os professores, justamente os professores, os grandes conhecedores em planejar e executar aquilo que foi planejado.

Apesar de todas as dificuldades que as docentes apontaram para com o planejamento e ao levantar a importância do mesmo, elas ainda frisaram que não seria possível a eficácia escolar sem o planejamento.

Essa realidade é quase unânime entre os docentes, há certa ambigüidade nas falas, principalmente no distanciamento entre o planejamento e a ação de planejar. É sempre bom refletir sobre essa realidade partindo das perdas de tempo que muitas vezes aparecem nas reuniões pedagógicas, do desperdício de tempo, dos atrasos, das conversas paralelas. Isso tudo causa fadigas nos docentes, pois assim como foi colocado antes, há muitos educadores interessados no planejamento. Para evitar esse desconforto educacional seria bom que houvesse por parte da equipe pedagógica uma preparação anterior.

Em hipótese alguma, o professor, que considerar isso ele é iludido, ele vive em uma utopia, quando ele descobrir isso eu quero conhecer esse professor, não existe aula sem planejamento, não existe e não vai existir. (P3)

Não. Deve haver sim o planejamento. Ele é essencial. Eu não posso chegar a escola sem um bom planejamento, sobre a pauta a ser trabalhado, até mesmo porque quando eu começo o planejamento no ano letivo eu sei como é que ser trabalhado os menus objetivos, o meu plano de aula. Quanto planejo a tendência é obter um sucesso. Eu vou levar questões da minha sala de aula para discutir com o meu coordenador, e em tudo o planejamento vai contribuir. O alvo maior são os alunos. (P4)

Não. Até por que a escola é como se fosse uma máquina, no meu ponto de vista. Então se uma peça fundamental não está fazendo seu papel, é impossível a máquina funcionar. Então a presença do professor é indispensável. A presença do professor conta muito, não só em sala de aula, mas em tudo o que a escola for fazer. (P5)

Com esses posicionamentos encerramos a abordagem acerca da falta de sentido do planejamento, das descrenças dos educadores, e do que poderia acarretar esses problemas. Vimos aqui que há uma série de questões a serem analisadas, principalmente com relação ao conhecimento das educadoras e esclarecimentos acerca da necessidade do planejamento e importância de construir esse significado juntamente com os educadores que são os mais interessados.

Tema 4: Ressignificando o Planejamento Escolar

A resignificação do planejamento consiste em primeiro lugar resgatar a sua importância e necessidade, possibilitando a mudança tão almejada pelos docentes, saber que o planejamento vai além de fazer plano de aula, de preencher fichas burocráticas e metódicas, sem uma relação direta entre a teoria e a prática. Vasconcellos (2012, p. 36) preconiza que: “O fator decisivo para a significação do planejamento é a percepção por parte do sujeito da necessidade de mudança”.

Mas, em outro momento mesmo autor ainda menciona algumas realidades para se enfatizar na resignificação do planejamento, ao destacar que: “planejar, então, remete a: 1. Querer mudar algo, 2. Acreditar na possibilidade de mudança da realidade; 3. Perceber a necessidade da mediação teórico-metodológica; 4. Vislumbrar a possibilidade de realizar aquela determinada ação.” (VASCONCELLOS 2012 p. 36).

Nessa perspectiva, foi questionado às docentes sujeito da pesquisa sobre essa realidade. Diante de tudo que elas levantaram acerca da importância do planejamento, da necessidade e principalmente da contribuição para a prática docente e o processo de ensino aprendizagem, bem como, a descrença dos educadores, foi também proposto que fossem abordadas as possíveis soluções para que as escolas resignifiquem o planejamento.

Eu acredito que o professor poderia, até para não perder tempo, ele mesmo pesquisar, e se necessitasse de alguma ajuda do supervisor iria atrás porque ele está lá para isso, então solicitaria, porque sendo franca, minhas dificuldades com meus alunos são mais de leituras, e o supervisor ajuda as vezes, mas não tá lá diretamente para me ajudar, é mais assim, amplo, eu acredito que o professor tendo autonomia para planejar sozinho seria muito mais significativo. (P2)

Para procurar resignificar a prática do planejamento, a educadora, apresentou elementos que partem principalmente da conscientização de cada um. O primeiro ponto importante se chama tempo, o professor precisa ser consciente que seu trabalho exige dedicação. Não dá para fazer de qualquer jeito, também não dá para ficar procurando iniciativas nos outros. Cada um sabe e deve ser consciente de sua responsabilidade.

O professor tem que compreender que: a primeira coisa, eu não posso ir para uma ala de aula e improvisar, outra coisa que tenho que entender é que quando planejo, quando a aula é bem planejada eu vou entender que o meu aluno teve um bom aprendizado, eu também vou ter o entendimento que estou ajudando o meu aluno quando eu planejo tendo um objetivo aquilo que eles vão aprender.

Então eu não posso dizer ou entender que o planejamento tenha seus pontos positivos. Tenho que ver essas coisas positivas e aplicar em sala de aula. (P3)

A essência do planejamento está na significativa prática de educar, não somente escolarizar, mas poder oferecer ao ser humano uma oportunidade de mudar de vida, de sonhar, de projetar para o futuro e de saber que ele é um sujeito da história. Se o ser humano soubesse a sua importância para a construção cidadã, ele utilizaria melhor seus recursos pessoais, como por exemplo, a dedicação aos estudos. Isso tudo quer dizer que o planejamento escolar reflete na vida da pessoa humana de forma mais forte do que imaginamos. Por isso, Vasconcellos enfatiza sua complexidade justamente por tratar-se da formação do ser humano. Nós formamos a sociedade que queremos ter e somos responsáveis por isso.

Vasconcellos (2012, p. 37) confirmando esse pensamento preconiza que, “a questão do planejamento é desafiadora, pois projetar é para o humano, e não poucas vezes estamos reduzindo em nossa humanidade, estamos desanimados, descrentes, cansados.” Isso mesmo, há muitas ideologias, utopias, mas na realidade, é difícil, os educadores relatam de forma significativa a causa do planejamento. Em nenhum momento foi citado ser fácil, é, no entanto importante, mas é uma tarefa que exige dedicação e muito empenho. Todos têm que está motivado, não adianta impor, exigir, sem antes motivá-los, confrontando o real e o ideal.

Algumas educadoras ainda relatam que:

Acredito que deveria ser abordado com formação continuada, o professor não deve ser acomodado. Para que o professor tenha uma nova perspectiva é preciso que o professor estude. (P4)

Na minha realidade quem está a frente é um grande desafio, não só a parte pedagógica, mas a gestão da escola, por ter essa resistência das peças principais não compreenderem o que de fato é o planejamento. O principal desafio seria fazer com que eles compreendam e encontrem sentido, de tirar essa imagem de controle, mas que de fato é assim que deve ser feito, e se não concordam, apresentassem outras formas de desenvolver, e não ficar criticando. Despertar no próprio docente. (P5)

Os relatos das docentes mostram uma grande preocupação com o trabalho em equipe que é tão importante, a união, a coletividade, tudo isso faz a escola crescer quando todos lutam pelo mesmo objetivo. Para Vasconcellos (2012 p. 37), “não é possível ressignificar o planejamento em si, isolado da ressignificação de estar no mundo e de toda a prática educacional! O grande nó do planejamento educacional pode estar na morte do autêntico trabalho pedagógico [...]. Com isso ele mostra que a falta de sentido do planejamento não está somente no planejamento em si, mas na

educação em geral, essa descrença é anterior e mais antiga. Não há receitas prontas para resolver o problema do planejamento, o que há são caminhos, possibilidades. Vasconcellos (2012, p. 37) ainda ressalta que, “não há processo, técnica ou instrumento de planejamento que faça milagres. O que existe são caminhos mais ou menos adequados”.

O que vimos muito acontecer na educação é uma busca exagerada por culpados, os pais que culpam os professores, os professores culpando as famílias e a gestão que também participa dessa discussão. Assim, vimos que há todo um processo para tornar a escola hoje mais atrativa, significativa, o que temos também são pessoas que estão atreladas a modismos da mesma forma que temos aqueles apegados a tradicionalismos. Por isso, nem tanto a um nem ao outro, deve haver um equilíbrio e o ponto de partida é o planejamento.

As educadoras ainda falam sobre a necessidade de planejar sempre, não importa o período, não há momentos específicos em que se deve planejar com mais cuidado, todos os momentos são importantes e devem ter um olhar mais centrado. Evitar o desperdício de tempo é algo muito necessário no planejamento, bem como os improvisos inclusive nos momentos de planejamento, muitas vezes se chega à reunião sem a pauta principal que norteia o momento. Isso é desgastante e faz perder um grande tempo, então é preciso manter os olhos no foco principal e esquecer o que ficou para trás.

As educadoras acrescentam quanto ao tempo destinado ao planejamento para evitar o desperdício de tempo e o momento mais delicado para o planejamento:

Ser mais objetivo, porque agente perde muito tempo com textos muito teóricos coisas que não haveria muita necessidade, é bom para lermos sozinhas em casa, mas no planejamento precisariam ser mais objetivas, mais praticas do que vamos planejar das atividades. (P2)

Evitando assuntos alheios ao planejamento, organizando com antecedência o material a ser utilizado, organizando grupos de estudo e acima de tudo, pontualidade. (P1)

Há dois momentos que devemos ter mais cuidado, no inicio do ano, que tem muita novidade temos que apresentar a turma, o que temos a contribuir, então se na primeira semana, você não cria, não proporciona algo melhor, então ela já inicia desanimada, outro momento é o final do ano, a reta final, porque fazemos todo aquele teste de sondagem, faz no inicio para saber o que os alunos sabem, mas também faz no final, uma avaliação para saber o que conseguiram atingir ou não e isso requer um planejamento melhor. (P3)

Em si o planejamento deve ser visto como prioridade. E que venha a mudar a realidade das escolas públicas. principalmente da escola que eu trabalho. (P4)

Eu acredito que todas as vezes que se encontrar para planejar e não somente em uma data específica. Pode ser a realidade de outras escolas em tornar o planejamento mais específico quando é para falar de datas comemorativas. Se seguir esse pensamento, fica meio que sem sentido o planejamento. Porque vai partir de uma ocasião, ou seja, vai partir de um fato. E não a ação em si. Todos, e tudo o que a escola vai fazer. (P5)

Alguns pontos merecem ressalva. Primeiro quando a educadora fala da objetividade do planejamento, esse é um assunto já bem discutido por educadores, que traçam significativas orientações para a prática do planejamento, como ter objetivos claros, conscientes, uma direção e uma meta. Isso é o que diferencia a qualidade do planejamento. Também lembrando que assim como os educadores, a equipe gestora e coordenadores também têm o dever de preparar o planejamento, o que seria “o planejar o planejamento”. Isso faz a diferença, as reuniões pedagógicas se tornam enfadonhas, com assuntos indesejáveis pela falta de sentido que exercem no cotidiano escolar, e, por isso a aversão dos educadores.

Temos que considerar ainda a organização e preparação com antecedência do material utilizado nas reuniões pedagógicas. Isso gera o bom aproveitamento do tempo destinado à prática, tornar as reuniões mais dinâmicas, tirar a sobrecarga, o peso e as inquietações dos educadores. Preparar com segurança textos reflexivos, motivadores, desvinculado da rotina para abrir o momento tornar mais leve, fazer os envolvidos se sentirem mais à vontade, descontraídos, e depois sim, introduzir a pauta mais teórica, metodológica e os assuntos mais tensos.

Todas as educadoras demonstraram uma preocupação com a prática do planejamento, tanto no seu conteúdo prático, teórico-metodológico. Quanto a sua importância, algumas ainda inseriram possíveis soluções para ressignificar o planejamento, apontando importantíssimas opiniões, sem esquecer os limites sociais em que estamos inseridos. Face ao exposto, vimos como o planejamento é importante para a prática docente e para o processo de ensino-aprendizagem, onde as educadoras entrevistadas deixaram clara a necessidade de ressignificar o ato de planejar para melhorar as suas ações educativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Planejamento Escolar é uma ferramenta indispensável no cotidiano escolar. Primeiro por fazer parte da vida humana uma vez que todo homem pensa, sonha, idealiza. No contexto escolar, essa atividade ganha dimensões mais elevadas justamente por tratar da formação do ser humano. Assim sendo, podemos também considerá-la complexa, sendo discutida de diferentes formas por estudiosos da área que procuram sistematizá-la de forma a oferecer mecanismos mais seguros tanto na prática docente como no processo de ensino-aprendizagem, desmistificando resquícios de um passado ainda bem presente na sala de aula e na convicção de muitos educadores, que, de certa forma, têm expressado reações diversas ao deparar-se com realidades cotidianas desafiadoras.

Ressignificar a prática docente e o processo de ensino aprendizagem a partir de contribuições do planejamento escolar, requer conhecimento e disponibilidade por parte de educadores, gestores e toda equipe escolar, quando na verdade o que vimos é que há grande controvérsia nas considerações docentes quando expressam a significativa importância do planejamento escolar, mas que deparam-se com inúmeras dificuldades de executá-lo. As relevâncias são diversas, como dificuldades familiares, um planejamento dentro do contexto, falta de motivação dos alunos, metodologias tecnológicas, falta de tempo, sobrecarga de trabalho, bem como, a falta de sentido do planejamento frente às exigências educacionais na atualidade.

Todavia, ao dialogar com alguns autores, detectamos problemas de ordem organizacional, como a inovação e ressignificação metodológicas. Esta pesquisa está pautada em teorias que apontam causas e consequências da má interpretação do planejamento escolar como recursos pedagógicos dentro e fora da sala de aula. Assim, buscamos analisar na realidade local como os docentes entendem e se apoderam desse mecanismo para ressignificar sua prática.

Assim sendo, ao realizarmos a entrevista com três docentes da Cidade de Cajazeiras PB e duas da Cidade de Cachoeira dos Índios PB, indagamos sobre elementos relevantes para a atividade e planejar. Primeiro solicitamos que as

docentes tecessem considerações acerca da educação da atualidade, seus desafios e metas, e também como elas vêem a importância do planejamento enquanto recurso pedagógico, para então chegar a mola mestra da pesquisa que é justamente as contribuições do planejamento para a ressignificação da prática docente e do processo de ensino aprendizagem.

Outro ponto importante da pesquisa foi à preocupação com uma questão da falta de sentido e a descrença em relação ao planejamento, sendo colocado como uma ambiguidade, pois à medida que educadores consideram importante o planejamento apresentam dificuldades em realizá-lo, causando um retrocesso metodológico.

Ao analisarmos os dados da pesquisa, encontramos realidades onde o planejamento ainda é colocado como um meio de controle do trabalho do professor, uma punição, atividade meramente sem sentido, em que o professor realiza apenas para cumprir tabela, sem contar as diversas motivações que são colocadas para exigir a participação dos docentes em reuniões pedagógicas.

É nessa perspectiva que chegamos à conclusão de que há muito a se aprender sobre o planejamento como princípio prática da escola. Da parte dos docentes mais estudos, pesquisa, tempo para debruçar-se sobre a questão, entendendo que o planejamento norteará sua prática, pois é nele que estão traçadas metas, objetivos, a dinâmica de compreender, analisando e propondo mecanismos para pensar a vida dos discentes como meio para se chegar ao sucesso social, uma vez que a escola deve ser entendida como formadora de opinião e construtora de saberes.

O planejamento proporciona mais qualidade e eficácia à prática do professor e do processo de ensino-aprendizagem, dando mais clareza quanto ao seu papel frente à realidade escolar, pois o grande desafio é torná-lo possível e necessário, fazendo do planejamento um método de trabalho para o professor.

Para a gestão, há o desafio de fazer do planejamento momentos de interação, rompendo com a alienação, a burocracia e formalismo meramente insignificante. Para que o planejamento seja efetivamente vivido como mecanismo transformador da vida humana, tornando as pessoas mais humanas, e construindo cidadãos na perspectiva autônoma é preciso que o planejamento resgate a consciência de toda a

equipe escolar, para que juntos façam crescer seus propósitos e alcance de forma prazerosa uma educação voltada para a criticidade e a criatividade.

Planejar para a vida e para a mudança, não apenas para o ensino, para professor ou para o aluno, porque poderia ser considerado um fenômeno antipedagógico. Assim sendo, cabe a cada profissional da educação saber sua importância para o processo de educar, considerando que o professor não exerce sozinho essa função, toda a equipe escolar tem fundamental importância dentro dessa dinâmica.

Concluimos dizendo que um bom planejamento depende da perspectiva de mudança social em que a escola estiver pautada. Sem essa motivação dificilmente ocorrerão mudanças educacionais, pois o profissional que não está interessado nesta mudança, não consegue perceber a importância de planejar suas atividades e, por tanto, nada fará para ressignificar sua prática pedagógica.

7 REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Editora Cortez. 1994.
- LONGHI, Simone Raquel Pagel; BENTO, Karla Lucia. **Revista de divulgação técnico-científico do ICPG**. Vol. 3 n. 9 – dez/2006 ISSN 1807 – 2836.
- MAIA, Chistinatti; SCHEIBEL, Maria Fani; URBAN, Ana Claudia. **Didática: organização do trabalho pedagógico**. Curitiba: IESDE Brasil S>A, 2009.
- MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico: Como construir o projeto político pedagógico**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2006.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político pedagógico**. 7. ed. São Paulo: Editora Liberdade, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

1- Dados de identificação do professor:

Nome: _____

Escola: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Carga horária: _____

Formação Acadêmica: _____

Pós- graduação: ()sim () não - Qual(is) _____

Tempo de atuação no magistério: _____

Tempo de atuação na escola: _____

Disciplina que leciona: _____

Tipo de vínculo empregatício: Concurso () Contratado ()

2- TEMAS DA ENTREVISTA:

1- A educação na atualidade e a função social da escola.

2- Contribuições do planejamento para a prática docente e o processo de ensino-aprendizagem.

3- A falta de sentido do planejamento escolar.

4- Ressignificando a prática do planejamento escolar.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa

_____, sob a
responsabilidade da pesquisadora _____, e
desenvolver uma pesquisa nesta instituição
_____ cidade de _____.

Sua participação é voluntária. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa não existem. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o processo educativo de seu filho/a.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço UAE campus de Cajazeiras.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: __/__/__

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar – Caso não saiba assinar

Assinatura do Pesquisador Responsável